

# Convergência

487

DEZEMBRO  
2015 • ANO L



Revista da Conferência  
dos Religiosos do Brasil – CRB

ISSN 0010-8162



**CRB**

Convergência ISSN 0010-8162

**DIRETORA:** Irmã Maria Inês Ribeiro, mad  
**EDITOR:** Irmão Lauro Daros, fms  
**REDATORA:** Irmã Rosa Maria Martins Silva, mscs – MTb 0010693/DF

**CONSELHO EDITORIAL:** Frei Moacir Casagrande, ofmcap  
Irmã Helena Teresinha Rech, sst  
Irmã Vera Ivanise Bombonato, fsp  
Jaldemir Vitório, sj  
João Edênio Valle, svd

**PROJETO GRÁFICO:** Manuel Rebelato Miramontes  
**COORDENAÇÃO DE REVISÃO:** Marina Mendonça  
**REVISÃO:** Mônica Elaine G. S. Costa e Ana Cecília Mari  
**IMPRESSÃO:** Gráfica de Paulinas Editora  
**ILUSTRAÇÃO DA CAPA:** Anderson Augusto de Souza Pereira

**DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO**

SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II  
70393-900 - Brasília - DF

Tel.: (61) 3226-5540 - Fax: (61) 3225-3409

E-mail: [crb@crbnacional.org.br](mailto:crb@crbnacional.org.br)

[www.crbnacional.org.br](http://www.crbnacional.org.br)

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas  
do PDF sob o n. P. 209/73

# Sumário

## Editorial

- Jesus, o rosto misericordioso do Pai  
LAURO DAROS 789

## Mensagem do Papa

- Misericordiae Vultus*: bula de proclamação  
do Jubileu Extraordinário da Misericórdia 791

## Mensagem de Natal

- Natal do Salvador 794

## Informes

- Novos contornos da Missão Marista no Sul  
e Norte do Brasil 799
- Uma Igreja com rosto amazônico 803
- Encontro Nacional de Justiça,  
Paz e Integridade da Criação – JPIC 808
- A carta magna da ecologia integral:  
grito da terra e grito dos pobres  
Uma análise da encíclica do Papa Francisco 811
- Canteiro de obra de uma Igreja em saída  
Ventos novos no Congresso e  
na XIX Assembleia Geral da CLAR 818

## Artigos

- Jesus, o rosto da misericórdia do Pai  
Sobre o Jubileu da Misericórdia  
CARLOS MESTERS 822
- Crer, lutar e esperar: horizonte teológico-  
-espiritual da justiça, paz e integridade da Criação  
AFONSO MURAD 838
- Ano da Vida Consagrada:  
relevâncias das Novas Gerações!  
RUBENS NUNES DA MOTA 846



# Jesus, o rosto misericordioso do Pai

No dia 8 de dezembro de 2015 acontece em Roma a abertura do Ano da Misericórdia. Jesus Cristo é o rosto da misericórdia do Pai. O mistério da fé cristã parece encontrar nestas palavras a sua síntese. Tal misericórdia tornou-se viva, visível e atingiu o seu clímax em Jesus de Nazaré. São as palavras do Papa Francisco na *Misericordiae Vultus*, bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia.

Por coincidência, a abertura do Ano da Misericórdia se dá em dezembro, mês do nascimento do “rosto misericordioso do Pai” – Jesus. “Natal do Salvador” é a mensagem natalina do Pe. José Raimundo de Melo. No Natal, Deus nos permite participar de seu eterno plano de salvação, que se faz visível e palpável na figura de uma criança. Trata-se, pois, de uma esplendorosa alegria, capaz de vencer a dor e de superar a morte, de dominar as trevas e de dar sentido à vida de todo ser vivente.

E no dia da abertura do Ano da Misericórdia, 8 de dezembro, dia de Nossa Senhora Conceição, nasce uma nova província marista no Brasil: Província Marista Brasil Sul-Amazônia. A nova província nasce da unificação da Província Marista do Rio Grande do Sul/Rede Marista com o Distrito Marista da Amazônia. Escreve Luísa Medeiros que “essa união significa a comunhão de duas Unidades que caminham juntas desde 2002, com identidades e realidades distintas, mas com um mesmo coração e espírito”.

No espaço da nova província marista, nasce a REPAM – Rede Pan-Amazônica eclesial. Oscar Elizalde Prada, no texto “Uma Igreja com rosto amazônico”, diz como foi a apresentação da REPAM no Vaticano.

Realizou-se de 4 a 6 de junho de 2015, com o tema: “A Paz é fruto da Justiça” (Is 32,17), o Encontro Nacional de Justiça e Paz e Integridade da Criação – JPIC. O evento foi organizado pelo Setor Missão da CRB Nacional. Um dos objetivos do JPIC foi articular iniciativas e realizações da VRC do Brasil na perspectiva de Justiça, Paz e Cuidado da Criação.

Leonardo Boff faz uma análise da *Laudato Si'* – Encíclica do Papa Francisco sobre o cuidado da casa comum, com ênfase em algumas singularidades. Diz, por exemplo, que é a primeira vez que um Papa aborda o tema da ecologia no sentido de uma *ecologia integral* (portanto, que vai além da ambiental) de forma tão completa.

Suess escreve sobre a CLAR no texto “Canteiro de obra de uma Igreja em saída. Ventos novos no Congresso e na XIX da Assembleia Geral da CLAR”. Os eventos da CLAR aconteceram entre 18 e 21 de junho, em Bogotá. O tema versava sobre “Horizontes de novidade na vivência dos nossos carismas hoje – Escutemos a Deus onde a Vida Consagrada clama”.

Frei Carlos Mesters escreveu um artigo sobre o Jubileu da Misericórdia, intitulado “Jesus, o rosto da misericórdia do Pai”. Nele vamos ver como Jesus irradiava a misericórdia do Pai no seu jeito tão simples de ensinar e de viver as oito bem-aventuranças.

Irmão Murad apresenta o “Crer, lutar e esperar”, como texto inspirador da Justiça, Paz e Integridade da Criação (JPIC). O mesmo texto foi apresentado no Congresso da CLAR. O autor partilha com a VRC do Continente este apelo: *Escutemos os clamores dos pobres e respondamos ao grito da Terra!*

Por fim, Frei Rubens oferece o texto “Ano da Vida Consagrada: relevâncias das Novas Gerações”. Ele mostra, entre outras realidades, o movimento que as Novas Gerações (NG) têm feito para acompanhar o itinerário de Igreja em saída. Entre erros e acertos, os espaços de participação estão mostrando o rosto e as propostas das Novas Gerações.

### *Misericordiae Vultus*

#### Bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia

Jesus Cristo é o rosto da misericórdia do Pai. O mistério da fé cristã parece encontrar nestas palavras a sua síntese. Tal misericórdia tornou-se viva, visível e atingiu o seu clímax em Jesus de Nazaré.

Precisamos sempre contemplar o mistério da misericórdia. É fonte de alegria, serenidade e paz. É condição da nossa salvação. Misericórdia: é a palavra que revela o mistério da Santíssima Trindade. Misericórdia: é o ato último e supremo pelo qual Deus vem ao nosso encontro. Misericórdia: é a lei fundamental que mora no coração de cada pessoa, quando vê com olhos sinceros o irmão que encontra no caminho da vida. Misericórdia: é o caminho que une Deus e o homem, porque nos abre o coração à esperança de sermos amados para sempre, apesar da limitação do nosso pecado.

Há momentos em que somos chamados, de maneira ainda mais intensa, a fixar o olhar na misericórdia para nos tornarmos nós mesmos sinal eficaz do agir do Pai. Foi por isso que proclamei um Jubileu Extraordinário da Misericórdia como tempo favorável para a Igreja, a fim de se tornar mais forte e eficaz o testemunho dos crentes. O Ano Santo abrir-se-á no dia 8 de dezembro de 2015, solenidade da Imaculada Conceição.

Escolhi a data de 8 de dezembro porque é cheia de significado na história recente da Igreja. Com efeito, abrirei a Porta Santa no cinquentenário da conclusão do Concílio Ecumênico Vaticano II. A Igreja sente a necessidade de manter vivo aquele acontecimento. Começava então, para ela, um percurso novo da sua história. Os Padres, reunidos no Concílio, tinham sentido forte, como um verdadeiro sopro do Espírito, a exigência de falar de Deus aos homens

do seu tempo de modo mais compreensível. Derrubadas as muralhas que, por demasiado tempo, tinham encerrado a Igreja numa cidadela privilegiada, chegara o tempo de anunciar o Evangelho de maneira nova. Uma nova etapa na evangelização de sempre. Um novo compromisso para todos os cristãos de testemunharem, com mais entusiasmo e convicção, a sua fé. A Igreja sentia a responsabilidade de ser, no mundo, o sinal vivo do amor do Pai.

O Ano Jubilar terminará na solenidade litúrgica de Jesus Cristo, Rei do Universo, em 20 de novembro de 2016. Nesse dia, ao fechar a Porta Santa, animar-nos-ão, antes de tudo, sentimentos de gratidão e agradecimento à Santíssima Trindade por nos ter concedido este tempo extraordinário de graça.

“É próprio de Deus usar de misericórdia e nisto se manifesta de modo especial a sua onipotência.”

A arquitrave que suporta a vida da Igreja é a misericórdia. Toda a sua ação pastoral deveria estar envolvida pela ternura com que se dirige aos crentes; no anúncio e testemunho que oferece ao mundo nada pode ser desprovido de misericórdia. A credibilidade da Igreja passa pela estrada do amor misericordioso e compassivo.

A Igreja tem a missão de anunciar a misericórdia de Deus, coração pulsante do Evangelho, que por meio dela deve chegar ao coração e à mente de cada pessoa.

Queremos viver este Ano Jubilar à luz desta palavra do Senhor: misericordiosos como o Pai.

Neste Ano Santo poderemos fazer a experiência de abrir o coração àqueles que vivem nas mais variadas periferias existenciais, que, muitas vezes, o mundo contemporâneo cria de forma dramática.

A Quaresma deste Ano Jubilar seja vivida mais intensamente como tempo forte para celebrar e experimentar a misericórdia de Deus.

Na Quaresma deste Ano Santo é minha intenção enviar os *Missionários da Misericórdia*. Serão um sinal da solicitude materna da Igreja pelo povo de Deus, para que entre

em profundidade na riqueza deste mistério tão fundamental para a fé. Serão sacerdotes a quem darei autoridade de perdoar mesmo os pecados reservados à Sé Apostólica, para que se torne evidente a amplitude do seu mandato. Serão sobretudo sinal vivo de como o Pai acolhe a todos aqueles que andam à procura do seu perdão.

Que a palavra do perdão possa chegar a todos e o chamado para experimentar a misericórdia não deixe ninguém indiferente. O meu convite à conversão dirige-se, com insistência ainda maior, àquelas pessoas que estão longe da graça de Deus pela sua conduta de vida.

A misericórdia não é contrária à justiça, mas exprime o comportamento de Deus para com o pecador, oferecendo-lhe uma nova possibilidade de se arrepender, converter e acreditar.

O Jubileu inclui também o referimento à indulgência. Esta, no Ano Santo da Misericórdia, adquire uma relevância particular. O perdão de Deus para os nossos pecados não conhece limites.

O pensamento volta-se agora para a Mãe da Misericórdia. A doçura do seu olhar nos acompanhe neste Ano Santo para podermos todos nós redescobrir a alegria da ternura de Deus.

Neste Jubileu, deixemo-nos surpreender por Deus. Ele nunca se cansa de escancarar a porta do seu coração, para repetir que nos ama e deseja partilhar conosco a sua vida.

*Eu vos anuncio uma grande alegria, que será também a de todo o povo: hoje nasceu para vós o Salvador, que é o Cristo Senhor! (Lc 2,10-11).*

No Natal, o Filho unigênito, gerado do Pai antes de todos os séculos, assume nossa humilde natureza carnal e nasce para nós. No Natal, o humano é maravilhosamente assumido pelo divino e o homem, inserido em Cristo, é elevado até os altos céus. No Natal, Deus, que tudo governa com poder e sabedoria, nos permite participar de seu eterno plano de salvação, que se faz visível e palpável na figura de uma criança. Trata-se, pois, de uma esplendorosa alegria, capaz de vencer a dor e de superar a morte, de dominar as trevas e de dar sentido à vida de todo ser vivente.

Constituindo-se numa das mais importantes solenidades do calendário litúrgico cristão, o Natal é oportunidade para darmos as boas-vindas ao Filho eterno do Pai que livremente aceita habitar entre nós e, ao mesmo tempo, ocasião privilegiada para professarmos nossa fé no mistério da encarnação do Verbo. A redenção aí se faz criança e o amor de Deus nos vem visitar na figura terna e frágil de um menino que para nós nasceu, de um filho que nos foi doado (Is 9,5). No mistério da encarnação, Jesus fez com que conhecêssemos a Deus, iluminando-nos com a sua glória; reconhecendo a Jesus como Deus visível aos nossos olhos, aprendemos a amar nele a divindade que não vemos (Prefácio do Natal, I). Invisível em sua divindade, tornou-se visível em nossa carne (Prefácio do Natal, II). Ao tornar-se ele um de nós, tornamos-nos eternos (Prefácio do Natal, III). No Natal, enfim, nos é dado participar da eterna divindade daquele que se dignou assumir a nossa humanidade (Coleta da missa do Natal).

A Escritura não fornece a data do nascimento do Filho de Deus. Todavia, temos hoje como certo que no dia 25 de dezembro do ano 336 a Igreja da cidade de Roma já celebrava a festa do Natal do Senhor, coisa que nos é atestada por um antigo documento, o “Cronógrafo” filocaliano. Neste é fixada a festa do nascimento do Salvador em Belém da Judeia no dia 25 de dezembro. Além disso, contamos também com o testemunho de Santo Agostinho (354–430), cujos escritos nos fazem deduzir que na metade do século IV, no norte da África, o Natal já era celebrado em 25 de dezembro. Ainda outros autores antigos seguem na mesma linha, fornecendo-nos depoimentos bastante semelhantes.

Mas por que mesmo a escolha do dia 25 de dezembro para a celebração desta importante festa? Isso talvez nos possa ser indicado pelo natural processo de inculturação da Igreja, que é a maneira por ela usada desde os seus primórdios na formação de seu complexo teológico-litúrgico, em diálogo com a cultura dos povos no meio dos quais se inseriu. Seguindo este princípio, sabemos que em Roma se celebrava, no solstício do inverno, uma festa pagã dedicada ao “deus-sol invencível”. Tal festa será introduzida pelo imperador Aureliano em todo o império romano a partir do ano 274. A Igreja, querendo neutralizar a festa, pelos grandes excessos aí cometidos, fez coincidir na mesma data a comemoração do nascimento do Senhor, até que a festa cristã acabou por abolir a celebração pagã. Os cristãos, que já chamavam o Salvador de “Sol da justiça” (Mt 3,20), “Luz do mundo” (Jo 8,12) e “Luz que ilumina todo homem” (Jo 1,9), não tiveram dificuldades para identificá-lo com a verdadeira luz que aclara os povos. A data da festa do Natal, segundo esta hipótese, deriva da comemoração romana do “deus-sol” e se firmou no Ocidente como uma vitória cristã sobre a festividade pagã. No Oriente, porém, a data escolhida para a solenidade do nascimento de Jesus, chamada aí de Epifania, foi, por outras tantas razões, o dia 6 de janeiro.

Existe ainda uma segunda hipótese que procura explicar por que os primeiros cristãos do Ocidente escolheram o dia 25 de dezembro como data do Natal. Já no século II,

alguns estudiosos, através de pistas fornecidas pelo Novo Testamento, se empenhavam em determinar a data do Natal. Assim se chegou a que João Batista teria sido concebido no equinócio do outono (25 de setembro, no hemisfério norte) e nascido no solstício do verão (25 de junho). Levando-se em conta que Jesus foi concebido seis meses depois de João, conforme Lc 1,26, seu nascimento se deu no solstício do inverno (sempre no hemisfério norte, no qual as estações se apresentam em épocas contrárias às do hemisfério sul).

Alguns autores aceitam só a primeira hipótese para a escolha de 25 de dezembro como data de comemoração do Natal, outros, só a segunda, e ainda outros aceitam tanto a primeira como a segunda conjuntamente. Seja como for, importa observar que o Natal, em sua estrutura interna, é muito diferente da celebração pascal. Enquanto a Páscoa está ligada ao calendário hebraico, que é lunar e, portanto, móvel, o Natal pertence ao calendário solar, sendo, pois, uma celebração fixa.

O Natal no Ocidente e a Epifania no Oriente eram festas destinadas a celebrar, cá e lá, a mesma realidade do nascimento de Jesus. Mas quando o Ocidente importou a festa oriental da Epifania, deu-lhe um sentido bem preciso: enquanto o Natal continuou celebrando o nascimento de Jesus, que se manifestava ao povo de Israel, a Epifania celebrava a sua manifestação a todos os povos, simbolizada na visita dos Magos ao menino-Deus. Por outro lado, a rápida difusão do Natal e da Epifania ainda na antiguidade vai servir para garantir pontos essenciais da fé da Igreja, como o fato de a glória de Deus resplandecer no homem Jesus; o Verbo feito carne ser consubstancial ao Pai; Deus assumir no homem Jesus toda a humanidade e esta permanecer íntegra e distinta na realidade do Filho de Deus. Trata-se aqui de elementos confirmados nos grandes concílios ecumênicos da Igreja antiga, e que entraram a compor a base comum de nossa fé cristã.

Mas a atualidade do Natal do Senhor para a vida da Igreja foi aprofundada sobretudo pelo Papa Leão Magno (440-461). Para ele, a essência do mistério encontra-se na união da humanidade com a divindade na única pessoa divina do

Verbo, sempre com a finalidade de salvar a humanidade. Este mistério continua operante na Igreja mediante a celebração litúrgica, a qual nos faz “ver” e “experimentar” no presente o que nos é anunciado nas páginas do evangelho e nos profetas. A celebração do santo Natal a cada ano “não se apresenta para nós como lembrança do passado, mas o vemos no presente” (Leão Magno, *9 Sermão de Natal* [XXIX],1). O Natal, pois, não é a festa de uma ideia, mas ato sagrado que atualiza a obra salvífica de Cristo: “Hoje, o Criador do mundo nasceu do seio virginal: aquele que criou todas as coisas tornou-se filho daquela que ele criou. Hoje, o Verbo de Deus apareceu revestido de carne; a natureza que nunca fora visível aos olhos humanos começou a ser até palpável” (id., *6 Sermão de Natal* [XXVI],1).

Leão Magno também nos ajuda a não permanecermos apenas na simples imitação externa do Senhor que nasce humilde e pobre na manjedoura, mas sobretudo a tomarmos consciência da redenção e da regeneração a que somos elevados pela encarnação do Verbo de Deus: “Toma consciência, ó cristão, da tua dignidade. E já que participas da natureza divina, não volte aos erros de antes por um comportamento indigno de tua condição. Lembra-te de que cabeça e de que corpo és membro. Recorda-te que foste arrancado do poder das trevas e levado para a luz e o Reino de Deus” (id., *I Sermão do Natal* [XXI],3; cf. em: *Liturgia das Horas I*, 363).

Contudo, todas estas verdades de fé e toda a profundidade teológico-litúrgica e espiritual que o Natal encerra podem ser ofuscadas, como de fato tem acontecido ultimamente, se não orientamos bem o nosso olhar em direção às coisas do alto, se permanecemos apenas numa consideração horizontal da festa e não nos unimos ao homem-Deus que a cada celebração nos é oferecido pelo Pai. Bastou que se valorizasse unilateralmente na festa a troca de presentes entre as pessoas – realidade em si rica quando vivida no conjunto da celebração, mas pobre quando isolada de seu real significado – para que a sociedade consumista tomasse de assalto o santo Natal do Senhor e impusesse aí as suas rígidas e egoísticas regras mercadológicas. E tudo isso

nos tem arrastado em direção a um “frenesi” que ameaça destruir o que a comemoração do nascimento do Salvador tem de mais puro e de mais singelo. O tempo que dedicamos aos insignificantes detalhes da festa pode bem nos afastar perigosamente de sua essência, inviabilizando um necessário aprofundamento do maravilhoso mistério que se realiza na encarnação do Verbo de Deus. Afinal, no Natal o grande presente é Jesus, que nos é oferecido gratuitamente pelo inigualável amor do Pai, o qual nos pede apenas que abramos o nosso coração e o acolhamos na realidade de nossas vidas.

Trata-se de receber bem o Senhor que vem para nós e de nos empenharmos em distribuí-lo também aos irmãos. E de ir organizando toda a existência de acordo com sua mensagem, que é capaz de dar sentido a tudo o que fazemos e a tudo o que somos. No Natal, com o coração repleto das graças do céu, nós é que devemos ser “presentes” vivos para os irmãos; nós é que devemos banhar de bênçãos a vida do próximo. Eis o essencial que o Natal nos transmite. Eis a realidade central para a qual devemos estar atentos, quando celebramos o nascimento do Filho eterno do Pai. Eis o núcleo da festa que somos convidados a preparar e viver, quando da chegada do menino-Deus em nossas vidas.

O Natal, desse modo, deve ser importante ocasião para um autêntico questionamento por parte do discípulo sobre as bases evangélicas de sua existência cristã e maravilhoso tempo de acolhida da abundante graça que Deus generosamente derrama sobre cada um de nós, no compromisso de também passá-la adiante àqueles que nos cercam. Voltemos, pois, às fontes incontaminadas da vida cristã e redescubramos o Natal na sua essência mais profunda. Assim, conseguiremos reverter a tendência que, a cada ano, tem procurado desviar o sentido profundo de tão grande comemoração. Assim, seremos capazes de dar à celebração do santo Natal do Senhor o seu valor de festa por excelência, na qual o divino assume o humano, permitindo que a salvação se faça realidade na existência de cada um de nós.

\* **Pe. José Raimundo de Melo** é doutor em Liturgia pelo Pontifício Instituto Santo Anselmo – Roma. Foi Consultor da Congregação do Culto Divino e Disciplina dos Sacramentos, Roma. Foi Professor de Liturgia antiga no Pontifício Instituto Oriental de Roma e de Liturgia e Sacramentos na Pontifícia Faculdade N. S. da Assunção da PUC de São Paulo. Atualmente leciona Liturgia e Sacramentos na Universidade Católica do Salvador. É autor de diversos artigos e do livro: *A Missa e suas partes: para celebrar e viver a Eucaristia* (Paulinas). Endereço: Rua Prof. Bezerra Lopes, 27 – Acupe de Brotas – CEP 40290-270, Salvador, BA.

Pe. José Raimundo de Melo\*

# Novos contornos da Missão Marista no Sul e Norte do Brasil

O Instituto Marista vive um momento histórico: prepara-se para celebrar o bicentenário de sua atuação no mundo. Em 2 de janeiro de 2017, completar-se-ão dois séculos desde que São Marcelino Champagnat, fundador da instituição, deu início a sua obra, em La Valla, no interior da França.

São 200 anos de vitalidade do carisma, de uma história repleta de desafios, conquistas e recomeços. Comemorar o bicentenário é, sem dúvida, motivo de celebração e orgulho para milhares de Irmãos, Leigos, Leigas e colaboradores. E é também uma oportunidade para reestabelecer o sentido da existência e missão do Instituto Marista.

Sem esquecer de todo o caminho percorrido, maristas de todo o mundo voltam seus olhares para o futuro, que representa *um novo começo*. Com esse mesmo espírito, a Província Marista do Rio Grande do Sul/Rede Marista também inicia um processo preparatório que marcará um recomeço de sua missão.

Em dezembro, será realizada a unificação da Província Marista do Rio Grande do Sul/Rede Marista com o Distrito Marista da Amazônia. Essa união significa a comunhão de duas Unidades que caminham juntas desde 2002, com identidades e realidades distintas, mas com um mesmo coração e espírito.

## Motivações

O Capítulo Provincial, no contexto canônico do Instituto Marista, é a principal assembleia de caráter deliberativo de uma Província e ocorre a cada três anos. O último, realizado em 2012, recomendou que houvesse maior vínculo

com o Distrito Marista da Amazônia e fomento da missionariedade e voluntariado na região. Desde então, as duas Unidades Administrativas passaram a interagir mais, com intercâmbio e complementaridade.

Assim como a Província, o Distrito também realiza um Capítulo Distrital, ou seja, uma assembleia deliberativa, que define seus rumos e prioridades de ação. No último Capítulo Distrital, realizado em dezembro de 2014, os Irmãos foram unânimes na proposição de unificação do Distrito com a Província Marista do Rio Grande do Sul.

Vale ressaltar que o Distrito foi criado com leveza de estrutura, para levar adiante sua missão inculturada. Seu caráter principal sempre foi de um território de missionariedade. A nova organização administrativa e de animação entre Província/Rede Marista e o Distrito é entendida como fundamental para a vitalidade da missão nessa região.

## Missão além-fronteiras

Atendendo aos anseios do último Capítulo Provincial, o processo de unificação teve início em janeiro de 2015, quando o Conselho Provincial acolheu o pedido de unificação e o submeteu ao Governo-Geral, em Roma. No mês seguinte, o Governo-Geral aprovou a proposta e sugeriu a criação de uma nova Unidade Administrativa, com um nome que abrangesse a nova configuração.

Foi realizada uma escuta com os Irmãos para levantar as possibilidades de nome que foi, novamente, submetido à Roma. Em abril, o Governo-Geral aprovou o nome Província Marista Sul-Amazônia. A denominação considera a nova abrangência de atuação e também a lógica do nome das outras duas Províncias Maristas do Brasil – a Província Marista Brasil Centro-Norte, que atua em 16 estados da região Central e Norte do País; e a Província Marista Brasil Centro-Sul, que abrange os estados de Mato Grosso do Sul, Paraná, Santa Catarina e São Paulo, além de Brasília, território com presença das três Províncias.

Indicou, também, a data de instalação da nova Província: 8 de dezembro de 2015, Dia de Nossa Senhora da Conceição. Uma celebração eucarística marcará a instalação oficial da nova Província e o início do Capítulo Provincial, assembleia que define as prioridades da instituição para o próximo triênio e dá posse ao seu governo. No dia anterior, 7 de dezembro, serão oficialmente encerrados a Província Marista do Rio Grande do Sul e o Distrito Marista da Amazônia. O Capítulo será realizado em Veranópolis e se estende até o dia 11 de dezembro.

## Novos territórios de missão

A unificação consolida a atuação Província/Rede Marista além das fronteiras do Rio Grande do Sul e Distrito Federal. A partir de 8 de dezembro, a abrangência da instituição se estenderá a outras seis cidades na Região Amazônica: Boa Vista, no estado de Roraima; Manaus, Tabatinga e Lábrea, no estado do Amazonas; Porto Velho, em Rondônia; e Cruzeiro do Sul, no Acre, além das 17 cidades no Rio Grande do Sul e Brasília.

A atuação no Rio Grande do Sul e Distrito Federal abrange 18 Colégios, 10 Centros Sociais, oito Escolas Sociais, uma Universidade (PUCRS) e um Hospital (Hospital São Lucas da PUCRS), além das Comunidades Religiosas, Centros de Formação e Centros de Eventos.

Na Região Amazônica, atualmente, 19 Irmãos Maristas e uma Leiga missionária atuam em cinco estados (Acre, Amazonas, Mato Grosso, Rondônia e Roraima). Na região, os Irmãos e Leigos desempenham sua missão em escolas e universidades conveniadas e estão à frente de projetos que visam à formação de lideranças, inserção em comunidades indígenas, Pastoral, Animação Vocacional e voluntariado.

## Ir. Inácio permanece à frente da Província

Após dois mandatos como Provincial e Presidente da Província Marista do Rio Grande do Sul/Rede Marista, Ir.

Inácio Etges assumirá a liderança da futura Província Marista Brasil Sul-Amazônia ao longo do próximo triênio. Dessa forma, é reconduzido ao cargo de Presidente da Rede Marista por mais três anos. A posse será realizada durante a instalação da nova província – também no dia 8 de dezembro.

Natural de Santa Cruz do Sul, o Ir. Inácio Nestor Etges ingressou na Congregação em 1960. É formado em Teologia e Matemática pela PUCRS e cursou Psicologia, com enfoque na Vida Religiosa, na Universidade Gregoriana, em Roma.

Em sua trajetória no Instituto Marista atuou como professor, auxiliou grupos de pastoral e tem ampla experiência no acompanhamento vocacional. Dedicou-se à orientação vocacional da juventude, ao aconselhamento psicoespiritual de jovens e adultos, religiosos(as) e sacerdotes, à assessoria a grupos de educadores (palestras, retiros e cursos) e à assessoria a equipes formativas de Congregações Religiosas. Assessorou cursos promovidos pela CRB-RS e cursos de Formação Permanente para várias Congregações Religiosas.

Na gestão da Província Marista de Porto Alegre, atuou como Conselheiro de 1983 a 1988; e como Vice-Provincial, de 1994 a 2001. É o atual Superior Provincial da Província Marista do Rio Grande do Sul e Presidente da Rede Marista (RS, DF, Amazônia), desde 2010; membro da Diretoria da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) e 1º Vice-Presidente da Conferência Latino-Americana de Religiosos (CLAR).

Luísa de Lemos Medeiros  
Assessora de Comunicação Corporativa  
da Província do Rio Grande do Sul

# Uma Igreja com rosto amazônico

803

## Apresentação da Rede Eclesial Pan-Amazônica no Vaticano

Como “um novo incentivo e uma advertência para o trabalho da Igreja na Amazônia”, qualificou o cardeal brasileiro Cláudio Hummes, OFM, a criação da Rede Pan-Amazônica eclesial (REPAM). “Ali a Igreja quer ser, com coragem e determinação, Igreja missionária, misericordiosa, profética, perto de todas as pessoas, especialmente os mais pobres, os excluídos, os rejeitados, os esquecidos e feridos. Uma Igreja com ‘um rosto amazônico’ e um ‘clero autóctone’, propôs o Papa em um discurso para os bispos do Brasil”, acrescentou o Presidente da Comissão para a Amazônia da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

À mensagem do Cardeal Hummes se somaram as palavras proferidas pelo Cardeal Peter Turkson, Presidente do Conselho Pontifício Justiça e Paz; pelo Monsenhor Pedro Ricardo Barreto Jimeno, SJ, Arcebispo de Huancayo (Peru) e Presidente do Departamento de Justiça e Solidariedade do Conselho Episcopal Latino-Americano (DEJUSOL-CELAM); por Michel Roy, Secretário-Geral da Caritas Internationalis; e por Mauricio Lopez, Secretário Executivo da REPAM, durante a apresentação da Rede no Salão João Paulo II, na Sala de Imprensa da Santa Sé, em 2 de março.

Cardeal Turkson destacou que “não só é de enorme significado simbólico para a Igreja na Sé de Pedro, mas também uma vontade de dar visibilidade”. Nesse sentido, ele observou três características derivadas de sua plataforma, estrutura e modo de funcionamento, assim como suas prioridades de ação e sua forma de acreditação, que bem “poderia servir de modelo para igrejas locais em outros continentes que devem enfrentar desafios semelhantes”.

Em primeiro lugar, a natureza transnacional da Rede reflete a “tomada de consciência de que uma ação eficaz que contrastasse com os desafios que vão além das fronteiras de um único Estado, necessitaria da sinergia das forças vivas de todas as nações interessadas”, isto é, dos nove países que compartilham aproximadamente seis milhões de km<sup>2</sup> que compõem o bioma ou sistema de vida amazônica, considerada a maior floresta tropical do mundo: Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, Guiana, Guiana Francesa, Peru, Suriname e Venezuela. Entre sua população estima-se que 2.779.478 pessoas pertencem a 390 povos indígenas que falam 240 línguas provenientes de 49 famílias linguísticas.

Como segunda característica, a REPAM propõe um modelo de eclesialidade que visa “estabelecer uma colaboração harmoniosa entre os diversos componentes da Igreja: congregações religiosas, Caritas, Dioceses, leigos etc.”, em sintonia com a Santa Sé e com cada uma das instâncias eclesiais que assinaram a Declaração Fundacional há seis meses (ver requadro): o DEJUSOL-CELAM, a Comissão para a Amazônia da CNBB, a Confederação de Religiosos da América Latina e Caribe (CLAR) e a Secretaria da América Latina e do Caribe Caritas (SELACC).

Finalmente, o compromisso com a defesa da vida constitui a terceira característica da Rede. Segundo o cardeal Trukson, “está em jogo a defesa da vida de muitas comunidades que, juntas, representam mais de 30 milhões de pessoas”. Elas estão ameaçadas pela poluição, a mudança radical e rápida do ecossistema do qual dependem e a falta de proteção dos seus direitos humanos fundamentais. “Por isso”, acrescentou, “a REPAM é concebida como uma ferramenta que pode ser adotada em áreas-chave e diversas: a justiça, a legalidade, a promoção e a proteção dos direitos humanos, a cooperação entre a Igreja e as instituições públicas em vários níveis, a prevenção e gestão de conflitos, o estudo e divulgação de informações, o desenvolvimento econômico inclusivo e justo, o uso responsável e solidário dos recursos naturais, respeitando a criação, a defesa das culturas e os modos de vida tradicionais de diversos povos”.

A Rede é uma plataforma que reúne os esforços das Igrejas locais, congregações religiosas e movimentos eclesiais, com voz profética a serviço do “Viver Bem” (SumakKawsay) da Pan-Amazônia, atualizando e concretizando opções apostólicas conjuntas, integrais e globais que, nas palavras do Secretário Executivo da REPAM, “representam anos de história e presença ao lado daqueles que foram esquecidos e prejudicados neste território”.

Monsenhor Barreto, referindo-se aos problemas socioambientais que afetam a bacia amazônica, enfatizou que “é um território devastado e ameaçado por concessões dos Estados às corporações transnacionais. Os grandes projetos de mineração, a monocultura e a mudança climática põem em grande risco suas terras e o meio ambiente”. Do mesmo modo, a partir de um ponto de vista cultural, a autodeterminação dos povos indígenas, ribeirinhos, camponeses, afrodescendentes e populações urbanas está seriamente prejudicada.

Ante estas realidades, o presidente da DEJUSOL-CELAM lembrou que “a REPAM é criada como a resposta de Deus a esta necessidade sentida e urgente para proteger a vida das pessoas para que vivam em harmonia com a natureza a partir da grande e variada presença dos membros da equipe da Igreja na Pan-Amazônia”. Também Irmã Mercedes Casas, FSpS, Presidente da CLAR, participa desta perspectiva, quando afirma que “a Vida Religiosa da América Latina e no Caribe é sensível e solidária com os clamores que brotam da Pan-Amazônia, reconhecendo a presença de Espírito nos novos cenários e nos sujeitos emergentes do Continente, com quem se sente comprometida, afirmando sua opção pelos mais pobres e pela Justiça, a Paz e Integridade da Criação”.

## Primeiros frutos

O Ir. João Gutemberg Coelho Sampaio, FMS, superior do Distrito Marista da Amazônia, que participa ativamente da REPAM, comenta que “um dos principais benefícios da Rede é a criação de articulações e de várias formas solidárias de apoio mútuo a partir de iniciativas pequenas ou grandes que se vão construindo na região”. “Especificamente, o religioso se refere aos primeiros frutos derivados do REPAM”: “alguns projetos lançados por Congregações Religiosas, Instituições sociopastorais e Igrejas locais, que antes estavam isoladas, agora se estão fortalecendo através da Rede”. É o caso do projeto Marista e do projeto Jesuíta para a Pan-Amazônia, das Equipes Itinerantes, dos Projetos Igrejas nas fronteiras e de algumas instituições que trabalham com a causa indígena.

O Ir. Gutenberg também afirma que “um dos maiores benefícios da REPAM tem a ver com o processo de formação de uma nova consciência pastoral sobre os assuntos da Pan-Amazônia, a partir de uma metodologia dialética e participativa, de reflexão e de buscas, levantando questões e respostas em um novo clima, com uma perspectiva pastoral diferente, mais inter-institucional e inter-congregacional. É uma realidade que encanta e desafia”.

Certamente, a REPAM se postula como uma “verdadeira experiência de fraternidade, uma caravana solidária e uma peregrinação sagrada”, como tem afirmado o Papa Francisco.

*Requadro:*

*Pan-Amazônia: fonte de vida no coração da Igreja*

Ao concluir o encontro eclesial Pan-Amazônia realizado em Brasília (Brasil), de 9 a 12 de setembro de 2014, os participantes manifestaram que “a Pan-Amazônia é fonte de vida no coração da Igreja, onde as culturas ancestrais expressam a harmonia entre as pessoas e a natureza”. Neste cenário surgiu a Criação da Rede Eclesial Pan-Amazônia (REPAM), assinada pelo CELAM, CNBB, CLAR e SELACC, “em comunhão com os missionários e missionárias

que entregam sua vida na Pan-Amazônia, e com o apoio da Caritas Internationalis”.

Ante as complexas realidades que ameaçam o presente e o futuro do bioma amazônico, a Rede se comprometeu a responder de maneira eficaz e orgânica aos clamores da vida, para “criar consciência nas Américas sobre a importância da Amazônia para toda a humanidade” (DA 475), evocando também as palavras do Papa Francisco no Rio de Janeiro: “a Igreja não está na Amazônia como quem tem feito as malas para sair depois de explorar. Desde o início está presente com missionários, congregações religiosas, sacerdotes, leigos e bispos, e sua presença é crucial para o futuro da região”.

Óscar Elizalde Prada\*

\* **Óscar Elizalde Prada** é leigo colombiano, doutorando em Comunicação Social pela PUC-RS, com bolsa de estudos do governo brasileiro (CAPES/PEC-PG). Mestre em Estudos e Gestão de Desenvolvimento e licenciado em Educação, com especialidade em Ciências Religiosas da Univesidade La Salle, em Bogotá. Colaborador permanente da Revista *Vida Nova* e do seminário *Noticelam*. Assessor metodológico da CLAR.

## Encontro Nacional de Justiça, Paz e Integridade da Criação – JPIC

O Encontro Nacional de Justiça, Paz e Integridade da Criação realizou-se de 4 a 6 de junho, 2015, com o tema: “A Paz é fruto da Justiça” (Is 32,17), na Casa de Retiros Assunção. O Encontro teve 75 participantes, procedentes de 22 estados brasileiros e do Distrito Federal. Fez-se presente também a Irmã Maria Inês, MAD, Presidente da Conferência dos Religiosas/os do Brasil (CRB/Nacional).

O evento foi organizado pelo Setor Missão da CRB Nacional, sob a articulação e coordenação de Irmã Francisca Ivani de Brito, IJ, e Irmã Maria de Fátima Kapp, MSSPS, Assessoras Executivas da Diretoria, responsáveis pela dinamização e execução dos Projetos de Evangelização Solidária – Missão.

O Encontro teve três objetivos:

1. Fortalecer a missão profética da VRC, especialmente aquela que está nas fronteiras do mundo, onde as vidas são mais ameaçadas.
2. Articular iniciativas e realizações da VRC do Brasil na perspectiva da Justiça, Paz e Cuidado da Criação, potencializando interações e parcerias, sobretudo, com talentos humanos de diferentes gerações.
3. Criar uma equipe de articulação nacional, visando aos dois objetivos acima.

Frei Rodrigo Castro fez a Análise da Conjuntura, abordando estes assuntos: o mundo, o conhecimento, a comunicação, o pluralismo dos sentidos, a sustentabilidade, a espiritualidade e o mercado. A partir da realidade, foram lançadas algumas interpelações: Que sonhos temos para nós? Que tipo de sociedade, de mundo, de vida, de relações, estamos

sonhando, hoje? Não seria necessário repensarmos nossos referenciais de análise e construção de lutas?

Na partilha e reflexão grupal sobre a Análise Conjuntural, alguns elementos foram destaques: fala do Papa Francisco no Encontro dos Movimentos Sociais, em Roma; capacidade do capitalismo de roubar a esperança e resistência do povo; risco de olhar o mundo e a vida de forma capitalista, onde tudo é negociável; necessidade de pessoas com capacidade de trabalhar com jovens uma nova visão espiritual; criar em nós a capacidade de trabalhar os novos elementos em sintonia com o poder; a complexidade é tal que nos torna impotentes e até conformistas; injustiça intrínseca alimentada por uma espiritualidade “a serviço do arranjo mercadológico”; a supercomunicação e a impossibilidade da leitura crítica; a nossa postura depende da concepção de planeta que temos e toda a nossa formação está contaminada; não se sentir parte da criação; sentir-se um com ela; valorizar, respeitar a criação: VRC e o poder; VRC, muitas vezes, usa discursos/ações/linguagens do modismo, como “sustentabilidade”, sem realmente problematizar o que isso significa; a VRC precisa apontar sinais viáveis para iluminar nosso mundo; usa-se o discurso do desenvolvimento e emprego para degradar os recursos naturais; falta-nos nivelamento sobre os conceitos de Justiça e Paz (ex.: maioria penal); a VRC é muito lenta para tomar iniciativa; estamos dentro da geração líquida; passar do “bem-estar” para o “bem-viver”; distância entre o religioso e o social: o social não tem impacto na espiritualidade; a VRC perdeu a força do profetismo; paradoxo dos discursos religiosos: presença de fundamentalismos nos diversos espaços religiosos; as novas vozes das minorias são desafio à VRC; realidade juvenil: a emergência como sujeitos de direitos em contraste com a tendência à criminalização (proposta de redução da maioria penal, por exemplo) e vitimização pela violência.

A realidade coloca à VRC um triplice desafio: pela realidade sociopolítico-econômica e ecológico-eclesial em que vivemos; pela escassez de pessoas da VRC vocacionadas à missão de profecia; pela herança de grande parte dos processos de formação na/da VRC e pela falta de projetos de

formação na perspectiva da Justiça e Profecia a serviço das vidas, especialmente, para as etapas iniciantes.

Explicitaram-se aspectos relevantes da REPAM – Rede Eclesial Pan-amazônica:

- **MISSÃO:** Potenciar, de maneira articulada, a ação que realiza a Igreja no território Pan-amazônico, atualizando e concretizando opções apostólicas conjuntas, integrais e multiescalares, no quadro da doutrina e das orientações da Igreja.

*Sujeitos prioritários:* povos da pan-amazônia.

*Objetivos:* Comunicação Estratégica e Visibilidade da REPAM; Incidência Sociopolítica e Promoção de Direitos Humanos; Métodos de Acompanhamento Pastoral e Formação; Investigação sobre Territorialidade Pan-amazônica; Articulação e Colaboração entre Membros da REPAM; Fortalecimento do Protagonismo das Culturas e dos Projetos de Vida dos Povos; Indígenas na Defesa dos Direitos Humanos e Atenção aos Grupos Vulneráveis na Pan-Amazônia; Colaboração Fraternal, Redes Internacionais e Gestão de Recursos; Modelos Alternativos de Desenvolvimento, Bem Viver, e Respostas ante as Mudanças Climáticas.

A palavra foi dada à Irmã Maria Inês, Presidente da CRB Nacional, que fez um agradecimento a todos pela presença e participação. Agradeceu a Deus por não deixar cair a profecia. Enfatizou que a missão da CRB é animar a Vida Religiosa Consagrada. Portanto, esse é o momento de animar e fortalecer para que a VCR continue sendo animada. Motivou o grupo para que rezemos uns pelos outros, para nos mantermos fiéis à missão como consagradas e consagrados. Salientou que esse encontro responde à missão da VRC, que é a Profecia.

Irmã Maria Inês agradeceu especialmente à Irmã Ivani, que está deixando a CRB Nacional. Irmã Ivani empenhou-se com sucesso e alegria no Setor de Projetos e Parcerias da CRB Nacional e Setor Missão – Projetos de Evangelização Solidária.

Irmã Raquel de Fátima Colet, FC

Irmã Maria Bernardete Macarini, ICM

Frei Manoel S. Lima, OFM

# A carta magna da ecologia integral: grito da terra – grito dos pobres

Uma análise da encíclica do Papa Francisco

Antes de qualquer comentário, vale enfatizar algumas singularidades da encíclica *Laudato si'* do Papa Francisco.

É a *primeira* vez que um Papa aborda o tema da ecologia no sentido de uma *ecologia integral* (portanto, que vai além da ambiental) de forma tão completa. Grande surpresa: elabora o *tema* dentro do novo paradigma ecológico, coisa que nenhum documento oficial da ONU até hoje fez. Fundamental é seu discurso com os dados mais seguros das ciências da vida e da terra. Lê os dados afetivamente (com a inteligência sensível ou cordial), pois discerne que por detrás deles se escondem dramas humanos e muito sofrimento também por parte da mãe Terra. A situação atual é grave, mas o Papa Francisco sempre encontra razões para a esperança e para a confiança de que o ser humano pode encontrar soluções viáveis. Honra os Papas que o antecederam, João Paulo II e Bento XVI, citando-os com frequência. E algo absolutamente novo: seu texto se inscreve dentro da colegialidade, pois valoriza as contribuições de dezenas de conferências episcopais do mundo inteiro que vão dos USA, da Alemanha, do Brasil, da Patagônia-Camauhe, até do Paraguai. Acolhe as contribuições de outros pensadores como os católicos Pierre Teilhard de Chardin, Romano Guardini, Dante Alighieri, de seu mestre argentino Juan Carlos Scannone, do protestante Paul Ricoeur e do muçulmano sufi Ali Al-Khawwas. Por fim, os destinatários são todos os seres humanos, pois todos são habitantes da mesma casa comum (palavra muito usada pelo Papa) e padecem das mesmas ameaças.

O Papa Francisco não escreve na *qualidade* de Mestre e Doutor da fé, mas como um Pastor zeloso que cuida da casa comum e de todos os seres, não só dos humanos, que habitam nela.

Um elemento merece ser ressaltado, pois revela a *forma mentis* (a maneira de organizar seu pensamento) do Papa Francisco. Este é tributário da experiência pastoral e teológica das igrejas latino-americanas que, à luz dos documentos do episcopado latino-americano (CELAM) de Medellín (1968), de Puebla (1979) e de Aparecida (2007), fizeram uma opção pelos pobres contra a pobreza e em favor da libertação.

O texto e o tom da encíclica são típicos do Papa Francisco e da cultura ecológica que acumulou. Mas me dou conta de que também muitas expressões e modos de falar remetem ao que vem sendo pensado e escrito principalmente na América Latina. Os temas da “*casa comum*”, da “*mãe Terra*”, do “*grito da Terra e do grito dos pobres*”, do “*cuidado*”, da “*interdependência entre todos os seres*”, “*do valor intrínseco de cada ser*”, dos “*pobres e vulneráveis*”, da “*mudança de paradigma*” do “*ser humano como Terra*” que sente, pensa, ama e venera, da “*ecologia integral*” entre outros, são recorrentes entre nós.

A estrutura da encíclica obedece ao ritual metodológico usado por nossas igrejas e pela reflexão teológica ligada à prática de libertação, agora assumida e consagrada pelo Papa: *ver, julgar, agir e celebrar*.

Primeiramente, revela sua fonte de inspiração maior: São Francisco de Assis, chamado por ele de “*exemplo por excelência de cuidado e de uma ecologia integral e que mostrou uma atenção especial aos pobres e abandonados*” (n. 10; 66).

E então começa com o *ver*: “*O que está acontecendo à nossa casa*” (nn. 17–61). Afirma o Papa: “*basta olhar a realidade com sinceridade para ver que há uma deterioração de nossa casa comum*” (n. 61). Nesta parte incorpora os dados mais consistentes com referência às mudanças climáticas (nn. 20–22), à questão da água (nn. 27–31), à erosão da biodiversidade (nn. 32–42), à deterioração da qualidade da vida humana e à degradação da vida social (nn. 43–47); denuncia a alta taxa de iniquidade planetária, afetando todos os âmbitos da vida (nn. 48–52), sendo que as principais vítimas são os pobres (n. 48).

Nesta parte, traz uma frase que nos remete à reflexão feita na América Latina: “Hoje não podemos desconhecer que uma verdadeira abordagem ecológica sempre se torna uma abordagem social, que deve integrar a justiça nas discussões sobre o ambiente para escutar tanto o *grito da Terra quanto o grito dos pobres*” (n. 49). Logo a seguir acrescenta: “gemidos da irmã Terra se unem aos gemidos dos abandonados deste mundo” (n. 53). Isso é absolutamente coerente, pois logo no início diz que “nós somos Terra” (n. 2; cf. Gn 2,7), bem na linha do grande cantor e poeta indígena argentino Athaulpa Yupanqui: “o ser humano é Terra que caminha, que sente, que pensa e que ama”.

Condena a proposta de internacionalização da Amazônia que “apenas serviria aos interesses das multinacionais” (n. 38). Há uma afirmação de grande vigor ético: “é gravíssima iniquidade obter importantes benefícios fazendo pagar o resto da humanidade, presente e futura, os altíssimos custos da degradação ambiental” (n. 36).

Com tristeza reconhece: “nunca temos ofendido nossa casa comum como nos últimos dois séculos” (n. 53). Em face desta ofensiva humana contra a mãe Terra que muitos cientistas denunciaram como a inauguração de uma nova era geológica – o *antropoceno* –, lamenta a debilidade dos poderes deste mundo, que, iludidos, “pensam que tudo pode continuar como está”, como alibi para “manter seus hábitos autodestrutivos” (n. 59), com “um comportamento que parece suicida” (n. 55).

Prudente, reconhece a diversidade das opiniões (nn. 60–61) e que “não há uma única via de solução” (n. 60). Mesmo assim “é certo que o sistema mundial é insustentável sob vários pontos de vista porque deixamos de pensar os fins do agir humano” (n. 61) e nos perdemos na construção de meios destinados à acumulação ilimitada à custa da injustiça ecológica (degradação dos ecossistemas) e da injustiça social (empobrecimento das populações). A humanidade simplesmente “defraudou a esperança divina” (n. 61).

O desafio urgente, então, consiste em “proteger nossa casa comum” (n. 13); e para isso precisamos, citando o Papa João Paulo II: “de uma conversão ecológica global” (n. 5); “uma cultura do cuidado que impregne toda a sociedade” (n. 231).

Realizada a dimensão do *ver*, impõe-se agora a dimensão do *judgar*. Esse *judgar* é realizado por duas vertentes, uma científica e outra teológica.

Vejamos a *científica*. A encíclica dedica todo o terceiro capítulo à análise “da raiz humana da crise ecológica” (nn. 101-136). Aqui o Papa se propõe a analisar a tecnociência, sem preconceitos, acolhendo o que ela trouxe de “coisas preciosas para melhorar a qualidade de vida do ser humano” (n. 103). Mas este não é o problema.

Ela se tornou independente, submeteu a economia, a política e a natureza em vista da acumulação de bens materiais (cf. n. 109). Ela parte de um pressuposto equivocado, que é a “disponibilidade infinita dos bens do planeta” (n. 106), quando sabemos que já encostamos nos limites físicos da Terra e que grande parte dos bens e serviços não são renováveis. A tecnociência se tornou *tecnocracia*, uma verdadeira ditadura com sua lógica férrea de domínio sobre tudo e sobre todos (n. 108).

A grande ilusão, hoje dominante, reside na crença de que com a tecnociência se podem resolver todos os problemas ecológicos. Essa é uma diligência enganosa porque “implica isolar as coisas que estão sempre conexas” (n. 111). Na verdade, “tudo é relacionado” (n. 117), “tudo está em relação” (n. 120), uma afirmação que perpassa todo o texto da encíclica como um ritornelo, pois é um conceito-chave do novo paradigma contemporâneo. O grande limite da tecnocracia está no fato de “fragmentar os saberes e perder o sentido de totalidade” (n. 110). O pior é “não reconhecer o valor intrínseco de cada ser e até negar um peculiar valor do ser humano” (n. 118).

O valor intrínseco de cada ser, por minúsculo que seja, é permanentemente enfatizado pela encíclica (n. 69), como o faz a Carta da Terra. Negando esse valor intrínseco, estamos impedindo que “cada ser comunique a sua mensagem e dê glória a Deus” (n. 33).

O desvio maior produzido pela tecnocracia é o antropocentrismo moderno. Seu pressuposto ilusório é que as coisas apenas possuem valor na medida em que se ordenam ao uso

humano, esquecendo que sua existência vale por si mesma (n. 33). Se é verdade que tudo está em relação, então, “nós seres humanos somos unidos como irmãos e irmãs e nos unimos com terno afeto ao irmão sol, à irmã lua, ao irmão rio e à mãe Terra” (n. 92). Como podemos pretender dominá-los e vê-los na ótica estreita da dominação por parte do ser humano?

Todas estas “virtudes ecológicas” (n. 88) são perdidas pela vontade de poder como dominação dos outros e da natureza. Vivemos uma angustiante “perda do sentido da vida e da vontade de viver juntos” (n. 110). Cita algumas vezes o teólogo ítalo-alemão Romano Guardini (1885-1968), um dos mais lidos nos meados do século passado e que escreveu um livro crítico contra as pretensões da modernidade (n. 83: *Das Ende der Neuzeit, 1959*).

A outra vertente do julgar é de cunho *teológico*. A encíclica reserva um bom espaço ao “Evangelho da Criação” (nn. 62-100). Parte justificando a contribuição das religiões e do cristianismo, pois sendo a crise global, cada instância deve, com o seu capital religioso, contribuir para o cuidado da Terra (n. 62). Não insiste nas doutrinas, mas na sabedoria presente nos vários caminhos espirituais. O cristianismo prefere falar de criação ao invés de natureza, pois “criação tem a ver com um projeto de amor de Deus” (n. 76). Cita, mais de uma vez, um belo texto do livro da Sabedoria (21,24), onde aparece claro que “a criação é da ordem do amor” (n. 77) e que Deus emerge como “o Senhor amante da vida” (Sb 11,26).

O texto se abre para uma visão evolucionista do universo, sem usar a palavra, mas fazendo um circunlóquio, referindo-se ao universo “composto por sistemas abertos que entram em comunhão uns com os outros” (n. 79). Utiliza os principais textos que ligam Cristo encarnado e ressuscitado com o mundo e com todo o universo, tornando sagrada a matéria e toda a Terra (n. 83). É neste contexto que cita P. Teilhard de Chardin (1881-1955, n. 83, nota 53) como precursor desta visão cósmica.

O fato de o Deus-Trindade ser relação de divinas Pessoas tem como consequência que todas as coisas em relação sejam ressonâncias da Trindade divina (n. 240).

Citando o Patriarca Ecumênico Bartolomeu da Igreja ortodoxa, “reconhece que os pecados contra a criação são pecados contra Deus” (n. 7). Daí a urgência de uma conversão ecológica coletiva que refaça a harmonia perdida.

A encíclica conclui esta parte, acertadamente: “a análise mostrou a necessidade de uma mudança de rumo... devemos sair da espiral de autodestruição em que nos estamos afundando” (n. 163). Não se trata de uma reforma, mas, citando a Carta da Terra, de buscar “um novo começo” (n. 207). A interdependência de todos com todos nos leva a pensar “num só mundo com um projeto comum” (n. 164).

Já que a realidade apresenta múltiplos aspectos, todos intimamente relacionados, o Papa Francisco propõe uma “ecologia integral” que vá além da costumeira ecologia ambiental (n. 137). Ela recobre todos os campos, o ambiental, o econômico, o social, o cultural, o espiritual e também a vida cotidiana (nn. 147-148). Nunca esquece os pobres que testemunham também sua forma de ecologia humana e social, vivendo laços de pertença e de solidariedade de uns para com os outros (n. 149).

O terceiro passo metodológico é o *agir*. Nesta parte, a encíclica se atém aos grandes temas da política internacional, nacional e local (nn. 164-181). Sublinha a interdependência do social e do educacional com o ecológico e constata lamentavelmente os constrangimentos que o predomínio da tecnocracia traz, dificultando mudanças que refreiam a voracidade da acumulação e do consumo e que podem inaugurar o novo (n. 141). Retoma o tema da economia e da política que deve servir ao bem comum e criar as condições de uma plenitude humana possível (nn. 189-198). Volta a insistir no diálogo entre a ciência e a religião, como vem sendo sugerido pelo grande biólogo Edward O. Wilson (cf. o livro *A criação: como salvar a vida na Terra*, 2008). Todas as religiões “devem buscar o cuidado da natureza e a defesa dos pobres” (n. 201).

Ainda no aspecto do *agir*, desafia a educação no sentido de criar a “cidadania ecológica” (n. 211) e um novo estilo de vida, assentado sobre o cuidado, a compaixão, a sobriedade compartilhada, a aliança entre a humanidade e o ambiente, pois ambos

estão umbilicalmente ligados, e a corresponsabilidade por tudo o que existe e vive e pelo nosso destino comum (nn. 203-208).

Por fim, o momento do *celebrar*. A celebração se realiza num contexto de “conversão ecológica” (n. 216) que implica uma “espiritualidade ecológica” (n. 216). Esta se deriva não tanto das doutrinas teológicas, mas das motivações que a fé suscita para cuidar da casa comum e “alimentar uma paixão pelo cuidado do mundo” (n. 216). Tal vivência é antes uma mística que mobiliza as pessoas a viverem o equilíbrio ecológico, “aquele interior consigo mesmo, aquele solidário com os outros, aquele natural com todos os seres vivos e aquele espiritual com Deus” (n. 210). Aí aparece como verdadeiro que “o menos é mais” e que podemos ser felizes com o pouco.

No sentido de celebração “o mundo é mais que uma coisa a se resolver, é um mistério grandioso para ser contemplado na alegria e no louvor” (n. 12).

O espírito terno e fraterno de São Francisco de Assis perpassa todo o texto da encíclica *Laudato si'*. A situação atual não significa uma tragédia anunciada, mas um desafio para cuidarmos da casa comum e uns dos outros. Há no texto leveza, poesia e alegria no Espírito e inabalável esperança de que, se grande é a ameaça, maior ainda é a oportunidade de solução de nossos problemas ecológicos.

Termina, poeticamente, com as palavras “Para além do sol”, dizendo: “caminheemos cantando. Que nossas lutas e nossas preocupações por este planeta não nos tirem a alegria da esperança” (n. 244).

Apraz-me terminar com as palavras finais da Carta da Terra que o próprio Papa cita (n. 207): “Que o nosso tempo seja lembrado pelo despertar de uma nova reverência em face da vida, pelo compromisso firme de alcançar a sustentabilidade e pela intensificação no compromisso pela justiça e pela paz e pela alegre celebração da vida”.

Leonardo Boff  
Teólogo, escritor e professor universitário

# Canteiro de obra de uma Igreja em saída

## Ventos novos no Congresso e na XIX Assembleia Geral da CLAR

Entre os dias 18 e 21 de junho, a CLAR (Confederação Caribenha e Latino-americana de Religiosos e Religiosas) reuniu mais de 1.200 pessoas da Vida Consagrada (VC) em Congresso de Bogotá, Colômbia. O tema do evento versava sobre “Horizontes de novidade na vivência dos nossos carismas hoje – Escutemos a Deus onde a Vida Consagrada clama”. Os horizontes foram descortinados durante esses dias segundo o esquema ver-julgar-agir, agora denominado “clamores”, “convicções” e “compromissos”. O tema foi abordado através de palestras e oficinas que procuravam mostrar as frestas pelas quais hoje é possível sentir o afago de ventos novos da presença de Deus. As sínteses das mais de 40 oficinas – um feixe de problemas do mundo de hoje – foram acolhidas em dez núcleos temáticos e apresentadas aos plenários no início do dia seguinte. Apesar da multiplicidade dos temas tratados nos *talleres*, os organizadores fizeram um grande esforço de não perder o foco do tema: horizontes, novidades, saídas.

Hoje, a Vida Religiosa Consagrada está atribulada por muitos lados. Dados do Anuário Pontifício da Igreja revelaram, ano por ano, um crescimento estável da Igreja Católica, porém, uma queda do número de homens e mulheres consagrados. De 2000-2008, o número de religiosos no mundo passou de pouco mais de 800 mil, em 2000, para 740 mil em 2008. A VC no Brasil é composta de 80% de idosos com mais de 65 anos, enquanto a população do Brasil está com pouco mais de 12% de idosos.

Na sociedade secular, o sistema capitalista resolve o enxugamento da máquina, quer dizer, a diminuição de operários, através de uma aceleração do processo de trabalho em função de maiores rendimentos e da competitividade. Na Vida Religiosa

Consagrada, o próprio Deus parece encarregar-se desse “enxugamento” através de um encolhimento vocacional que perpassa a maior parte de congregações e institutos religiosos.

O fenômeno do encolhimento atravessa comunidades com ênfase radical no despojamento e na encarnação, como atinge fraternidades que levam uma vida mais adaptada aos padrões do mundo secularizado e do conservadorismo de classes tradicionalistas. As causas são múltiplas e complexas: a diminuição dos filhos nas famílias, a migração do campo para a cidade, o imediatismo da cultura contemporânea com mudanças rápidas de cenários, com ofertas imediatas e certo desprezo por compromissos a longo prazo. Secularização, individualismo e relativismo são outros fatores da cultura moderna que contribuem para a configuração da crise da VC.

Guiado por necessidades e opções, o lado positivo dessas pressões permitiu melhor “escutar Deus, onde a vida clama” (cf. tema e *Mensagem final* do evento) e apontar para três sujeitos e áreas de presença: o mundo leigo (a), a periferia dos pobres (b) e as gerações novas (c).

- a) O hospital e o grande colégio da Congregação ou da Ordem, que no passado prestaram bons serviços e garantiram o sustento para a atuação em áreas mais pobres, hoje passam progressivamente às mãos de leigos e ao estado laical, sem vínculo com a Vida Consagrada. As grandes obras sempre serviram mais às elites do que aos pobres. Com menos obras, consagrados e consagradas estão livres para a evangelização e a realização de uma “Igreja em saída” (EG 46).
- b) A passagem das grandes obras administradas pela VC para a administração pública ou a gestão privada, geralmente, não é uma opção. Muitas vezes, é uma passagem forçada e dolorosa na qual é possível experimentar o desígnio de Deus que quer a VC livre para outros serviços nas periferias, para avançar na opção de uma Vida Religiosa pobre para os pobres. A VC está prestes a dar um adeus ao *status* de classe média. Desde os primórdios da conquista espiritual das Américas e em suas fases de prosperidade e expansão, a VC dividiu-se entre acompanhamento dos conquistados e presença entre os

conquistadores, entre serviços aos pobres e serviços aos abastados. Nas aldeias indígenas, os primeiros jesuítas aprenderam a ser Igreja inculturada, missionária, pobre e militante. Nos colégios adaptaram-se às demandas da classe dominante. Trabalharam como educadores a serviço dos conquistadores e dos colonos que já eram iniciados na fé de sua classe social e dispensaram grandes esforços de inculturação.

- c) A partir da situação geral da VC é compreensível que participação e posicionamento das Novas Gerações ganharam destaque como “fato significativo” (cf. *Mensagem final*). O núcleo temático “Novas Gerações”, com cinco oficinas, “reconheceu sua componente utópica positivamente como chave de reforma em consonância com a utopia de Jesus: o Reino”, capaz de “gerar novos horizontes e motivar compromissos”.

É importante que a VC aprenda pelas Novas Gerações a abrir mão de certa rigidez nas estruturas que não estão a serviço dos pobres. Mas é importante também não substituir o antigo autoritarismo dos idosos pelo culto às Novas Gerações, com que a mídia televisiva nos tenta distrair dos verdadeiros problemas do mundo de hoje.

É fundamental manter um diálogo sincero com as Novas Gerações, que batem na porta dos noviciados ou dos seminários, para saber se, além do canto e da beleza das roupas litúrgicas, amam também os pobres que, às vezes, não são bons nem belos.

Às Novas Gerações, que chegaram um dia antes a Bogotá, numa espécie de pré-congresso, eu perguntei no meu coração: Será que são capazes de amar em suas casas religiosas os velhinhos e as velhinhas que eram a maioria entre os participantes do Congresso? Em 2050, na América Latina, o número de pessoas com mais de 80 anos de idade será quatro vezes maior que agora, e o dinheiro em caixa da comunidade, certamente, vai ser muito menor do que hoje. Provavelmente, a velhice das Novas Gerações de hoje, amanhã, será menos confortável.

O Congresso questionou a autorreferencialidade da Vida Consagrada, lastimou as amarras de estruturas rígidas e considerou as contribuições das Novas Gerações sementes

que devem passar da teoria à prática (*Mensagem final*, n. 6). De certa maneira aconteceu essa passagem nos dias que se seguiram ao Congresso, de 22 a 24 de junho, quando cerca de 80 delegadas e delegados da CLAR realizaram sua XIX Assembleia Geral. Estes, a partir da força missionária de seus carismas, procuravam situar a Vida Consagrada (VC) nos grandes conflitos causados pela degradação da vida no mundo de hoje (cf. *Mensagem da XIX Assembleia*). A Assembleia fez a opção por:

- uma VC mais humanizada e humanizadora;
- uma vida em comunhão fraterna como resposta a uma sociedade violenta e desintegradora;
- um cuidado carinhoso com a criação como parte da vocação religiosa;
- uma credibilidade da própria pobreza junto aos grupos mais vulneráveis, particularmente ao lado dos imigrantes, afrodescendentes e povos indígenas;
- uma eclesiologia de diálogo como caminho para a paz, uma evangelização encarnada e uma missão partilhada entre diferentes congregações e com os leigos;
- uma acolhida das contribuições das Novas Gerações;
- uma assimilação da espiritualidade trinitária e mística profética.

Ao despedir-me dos congressistas, antes do início da Assembleia da CLAR, queria dizer algo que, na noite anterior, tinha escrito como lembrete: “Não esqueçam o melhor: a Trindade e a Páscoa, os mártires e os pobres, a comunidade e o despojamento, a misericórdia e a alegria!”. Com a memória da recente beatificação de Mons. Oscar Romero e a assunção vigorosa da encíclica *Laudato si'*, do Papa Francisco, a Assembleia da CLAR celebrou sua Páscoa, e a Vida Consagrada, tantas vezes declarada sem futuro, renasceu como Igreja em saída, martirial e militante – cantando ao sol.

Pe. Paulo Suess

Professor de Missiologia e assessor teológico do  
Conselho Indigenista Missionário (CIMI)

# Jesus, o rosto da misericórdia do Pai

## Sobre o Jubileu da Misericórdia

FREI CARLOS MESTERS\*

Jesus Cristo é o rosto da misericórdia do Pai. O mistério da fé cristã parece encontrar nestas palavras a sua síntese. Tal misericórdia tornou-se viva, visível e atingiu o seu clímax em Jesus de Nazaré. O Pai, “rico em misericórdia” (Ef 2, 4), depois de ter revelado o seu nome a Moisés como “Deus misericordioso e clemente, vagaroso na ira, cheio de bondade e fidelidade” (Ex 34, 6), não cessou de dar a conhecer, de vários modos e em muitos momentos da história, a sua natureza divina. Na “plenitude do tempo” (Gl 4, 4), quando tudo estava pronto segundo o seu plano de salvação, mandou o seu Filho, nascido da Virgem Maria, para nos revelar, de modo definitivo, o seu amor. Quem o vê, vê o Pai (cf. Jo 14, 9). Com a sua palavra, os seus gestos e toda a sua pessoa, Jesus de Nazaré revela a misericórdia de Deus (*Misericordiae Vultus*, 1).

Com estas palavras o Papa Francisco começa a carta em que anuncia o Jubileu da Misericórdia. Ele termina a carta informando que o Jubileu terá início no dia 8 de dezembro de 2015 e será encerrado na festa de Cristo Rei, no 20 de novembro de 2016. Ele diz: “Será um Ano Santo extraordinário para viver, na existência de cada dia, a misericórdia que o Pai, desde sempre, estende sobre nós. Neste Jubileu, deixemo-nos surpreender por Deus. Ele nunca se cansa de escancarar a porta do seu coração, para repetir que nos ama e deseja partilhar conosco a sua vida”.

No dia 8 de dezembro, o Papa dará início ao Jubileu abrindo a *Porta Santa* na basílica de São Pedro. Ele pede na carta que todos procuremos abrir a *porta do coração* para

\* **Frei Carlos Mesters** é frade carmelita da Ordem do Carmo e membro-fundador do CEBI – Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos (leitura popular da Bíblia).

deixar-nos invadir pela misericórdia, e destaca a importância da misericórdia em toda ação de Deus ao longo da história, culminando em Jesus, que é o rosto da misericórdia do Pai, *Misericordiae Vultus*. Neste artigo vamos ver como Jesus irradiava a misericórdia do Pai no seu jeito tão simples de ensinar e de viver as oito bem-aventuranças.

## A misericórdia de Jesus para com os pobres em espírito

*Bem-aventurados os pobres em espírito,  
porque deles é o Reino do Céu.*

Jesus via como os doutores da lei ensinavam aos pobres a tradição dos antigos (Mc 7,1-5). Eles explicavam tudo direitinho conforme a letra da lei, mas a muitos deles faltava o *espírito* da lei. Em nome da fidelidade à letra, eles marginalizavam muita gente: os pobres, os doentes, os deficientes físicos, as mulheres, os impuros, as crianças, os pobres. Diziam que a pobreza, o sofrimento, os males da vida e as deficiências eram castigos de Deus (cf. Jo 9,2). Em vez de ensinar a lei de Deus como expressão do rosto misericordioso do Pai, eles escondiam a imagem do Pai atrás de uma máscara de normas e obrigações que tornavam impossível a observância da lei para os pobres (Mc 7,6-13).

Jesus experimentava Deus de outra maneira. Sentia Deus como Pai, como Mãe. Ele tinha um outro *espírito*, que o fazia meditar a letra da lei com um novo olhar e o levava a escutar os pobres com muita ternura. Jesus também era pobre. Vivia no meio deles, igual a eles.

Porém, para Jesus, nascer pobre e ser pobre não era uma fatalidade nem um castigo de Deus, mas sim a expressão de um apelo de Deus. Jesus não era um pobre revoltado com inveja daqueles ricos que acumulavam toda a riqueza para si. Na sua pobreza, Jesus tinha uma riqueza maior: Deus estava com ele. O Reino de Deus vivia nele e o *espírito* do Reino o levava a lutar para que a injustiça fosse eliminada e os bens da terra fossem partilhados e se tornassem fonte de

fraternidade para todos. Essa riqueza do Reino de Deus, da fraternidade e da misericórdia, Jesus a irradiava no meio dos pobres e queria que todos a descobrissem.

Jesus e seus discípulos viviam misturados com os pobres e os excluídos (Mc 2,16; 1,41; Lc 7,37). Jesus reconhecia a riqueza e o valor dos pobres (Mt 11,25-26; Lc 21,1-4). Proclamava-os felizes (Lc 6,20; Mt 5,3). Não possuía nada para si, nem mesmo uma pedra para reclinar a cabeça (Lc 9,58). E a quem desejava segui-lo para conviver com ele, mandava escolher: ou Deus, ou o dinheiro! (Mt 6,24). Mandava fazer opção pelos pobres (Mc 10,21). A pobreza, que caracterizava a vida de Jesus, caracterizava também a sua missão. Ao contrário dos outros missionários (Mt 23,15), os discípulos e as discípulas de Jesus não podiam levar nada, nem ouro, nem prata, nem duas túnicas, nem sacola, nem sandálias, mas somente a Paz! (Mt 10,9-10; Lc 10,4-5). Eram pobres em *espírito*. Tinham espírito de pobre. Eram animados pelo mesmo espírito de Jesus.

Jesus anunciava o Reino para todos, para pobres e ricos. Não excluía ninguém. Mas o anunciava a partir dos pobres e excluídos: prostitutas eram preferidas aos fariseus (Mt 21,31-32; Lc 7,37-50); publicanos tinham precedência sobre os escribas (Lc 18,9-14; 19,1-10); leprosos eram acolhidos e limpos (Mc 1,44; Mt 8,2-3; 11,5; Lc 17,12-14); doentes eram curados em dia de sábado (Mc 3,1-5; Lc 14,1-6; 13,10-13); mulheres faziam parte do grupo que acompanhava Jesus (Lc 8,1-3; 23,49.55; Mc 15,40-41); crianças eram apresentadas como professores de adultos (Mt 18,1-4; 19,13-15; Lc 9,47-48); samaritanos eram apresentados como modelo para os judeus (Lc 10,33; 17,16); famintos eram acolhidos como rebanho sem pastor (Mc 6,34; Mt 9,36; 15,32; Jo 6, 5-11); cegos recebiam a visão (Mc 8,22-26; 10,46-52; Jo 9,6-7) e os fariseus eram declarados cegos (Mt 23,16); possesores eram libertados do poder do mal (Lc 11,14-20); a mulher adúltera era defendida contra os que a condenavam em nome da lei de Deus (Jo 8,2-11); estrangeiros eram acolhidos e atendidos (Lc 7,2-10; Mc 7,24-30; Mt 15,22). Os pobres perceberam a novidade e acolheram Jesus, dizendo:

“Um novo ensinamento dado com autoridade!” (Mc 1,27), diferente dos escribas e dos fariseus (Mc 1,22). Todo este carinho de Jesus na convivência com os pobres era a maneira de ele revelar a misericórdia do Pai.

## A misericórdia de Jesus para com os que choram

*Bem-aventurados os que choram,  
porque serão consolados.*

Não existe pessoa neste mundo que nunca chorou. Nem Jesus escapa. Nascemos chorando. Uns choram mais que os outros. O choro pode ter muitas causas: choro de raiva e de ódio, choro de amor e de compaixão. Choro alegre e choro triste. Jesus chorou várias vezes. Chorou sobre Jerusalém, porque ela não soube perceber o dia da visita do Senhor (Lc 19,41-44). Chorou diante do túmulo de Lázaro (Jo 11,35), diante do povo faminto que o procurava (Mc 6,34). Diante da tristeza de tanta gente, Jesus imitava o Servo de Javé anunciado por Isaías: “Ele tomou sobre si as nossas enfermidades e carregou as nossas doenças” (Mt 8,17).

Jesus enxugou muitas lágrimas e devolveu a alegria a muita gente. Ele imitava Deus que, como diz Isaías, “enxugará as lágrimas de todas as faces” (Is 25,8). Como devem ter ficado alegres a viúva de Naim, cujo filho único ele ressuscitou (Lc 7,11-17); a cananeia, cuja filha curou (Mc 7,24-30); a mulher de hemorragia irregular que se curou graças à sua fé em Jesus (Mc 5,25-34); o cego Bartimeu (Mc 10,46-52), o velho Zaqueu (Lc 19,1-10), a samaritana (Jo 4,7-42), a mulher adúltera (Jo 8,1-11), a mulher curvada (Lc 13,11), Madalena (Lc 8,2; Jo 20,11-18), Marta e Maria, irmãs de Lázaro (Jo 11,17-44), tantos e tantas! Não dá para enumerar todos os casos de aflição que se converteram em consolo e alegria graças à misericórdia de Jesus.

Ele combateu os males que faziam o povo sofrer e chorar: a *fome*, pois alimentou os famintos (Mc 6,30-44; 8,1-10); a *doença*, pois curou os enfermos (Mt 4,24; 8,16-17); os *males*

*da natureza*, pois acalmou a tempestade (Mt 14,32; 8,23-27); expulsou os *maus espíritos* e os proibiu de falar (Mc 1,23-27.34; Lc 4,13); combateu a *ignorância*, pois ensinava o povo (Mt 9,35; Mc 1,22); combateu o *abandono e a solidão*, pois acolhia as pessoas (Mt 9,36; 11,28-30); criticou *as leis que oprimiam*, pois colocou o bem-estar do ser humano como lei suprema de todas as leis (Mt 12,1-5; 23,13-15; Mc 2,23-28); denunciou a *opressão*, pois acolhia o povo oprimido (Mt 11,28-30; Lc 22,25); combateu o *medo*, pois dizia sempre: “Não tenham medo!” (Mt 28,10; Mc 6,50).

Consolando assim os tristes e irradiando a alegria do Reino, Jesus revelava a misericórdia do Pai. Ele mesmo se alegrava vendo a alegria dos pequenos: “Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste essas coisas aos sábios e inteligentes, e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, porque assim foi do teu agrado” (Lc 11,21; Mt 11,25-26).

## A misericórdia de Jesus para com os mansos

*Bem-aventurados os mansos,  
porque possuirão a terra.*

Jesus disse: “Venham a mim todos vocês que estão cansados de carregar o peso do seu fardo, e eu lhes darei descanso. Carreguem a minha carga e aprendam comigo, porque sou manso e humilde de coração” (Mt 11,28-30). A mansidão de Jesus não é a de uma pessoa sem fibra, sem vontade própria, que aprova tudo e concorda com tudo. A mansidão a que ele se refere é a mansidão resistente do Servo de Javé, anunciado pelo profeta Isaías: “Ele não grita, nem levanta a voz, não solta berros pelas ruas, não quebra a planta machucada, nem apaga o pavio que ainda solta fumaça. Com fidelidade promove o direito sem desanimar nem desfalecer, até estabelecer o direito sobre a terra” (Is 42,2-4).

Assim era a mansidão de Jesus. Isaías completa a descrição da mansidão dizendo que ela consiste em “saber dizer uma palavra de conforto a quem está desanimado” (Is 50,4). E o próprio Servo acrescenta: “O Senhor me abriu os ouvidos

e eu não resisti, nem voltei atrás. Ofereci minhas costas aos que me batiam e o queixo aos que me arrancavam a barba. Não escondi o rosto para evitar insultos e escarros. O Senhor é a minha ajuda! Por isso, estas ofensas não me desmoralizam. Faço cara dura como pedra, sabendo que não vou ser um fracassado” (Is 50,5-7).

A mansidão de Jesus é a resistência que nasce da fé de que a vitória final não será dos violentos, dos corruptos, dos prepotentes, mas sim dos que têm a mansidão do Servo. Jesus era uma amostra viva desta mansidão resistente. Para ele, tudo se resumia a imitar a Deus: “Vocês ouviram o que foi dito: Ame o seu próximo, e odeie o seu inimigo. Eu, porém, lhes digo: amem os seus inimigos, e rezem por aqueles que perseguem vocês! Assim vocês se tornarão filhos do Pai que está no céu, porque ele faz o sol nascer sobre maus e bons, e a chuva cair sobre justos e injustos. Portanto, sejam perfeitos como é perfeito o Pai de vocês que está no céu” (Mt 5,43-45 e 48; cf. Lc 6,36).

Jesus imitou o Pai e revelou o seu amor. Cada gesto, cada palavra de Jesus, desde o nascimento até a morte na cruz, foi um crescendo contínuo. A manifestação plena desta mansidão foi quando na cruz ofereceu o perdão ao soldado que o matava. O soldado, empregado do império, prendeu o pulso de Jesus na cruz, colocou um prego e começou a bater. Deu várias pancadas. O sangue espirrava. O corpo de Jesus se contorcia de dor. O soldado bruto e ignorante, alheio ao que estava fazendo e ao que estava acontecendo ao redor, continuava batendo como se fosse um prego na parede da sua casa para pendurar um quadro. Neste momento Jesus dirige ao Pai esta prece: “Pai, perdoa! Eles não sabem o que estão fazendo!” (Lc 23,34). Olhando aquele soldado ignorante e bruto, Jesus teve dó do rapaz e rezou por ele e por todos nós: “Pai, perdoa!”. E ainda arrumou uma desculpa: “São ignorantes. Não sabem o que estão fazendo!”. Diante do Pai, Jesus se fez solidário com aqueles que o torturavam e maltratavam. Era como o irmão que vem com seus irmãos assassinos diante do juiz e ele, vítima dos próprios irmãos, diz ao juiz: “São meus irmãos, sabe! São uns ignorantes. Perdoa. Eles

vão melhorar!”. Era como se Jesus estivesse com medo de que o mínimo de raiva contra o rapaz que o matava pudesse apagar nele o último restinho de humanidade que ainda sobrava. Este gesto incrível de mansidão foi a maior revelação do amor e da misericórdia de Deus. Jesus podia morrer: “Está tudo consumado!” (Jo 19,30). Sua vida foi uma revelação desta mansidão misericordiosa do Pai.

## A misericórdia de Jesus para com os que têm fome e sede de justiça

*Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados.*

No tempo de Jesus, muitos doutores da lei ensinavam que a *justiça* só se alcança observando a lei até nos seus mínimos detalhes. No ensino deles o acento caía na observância, no merecer. Não havia espaço para a gratuidade do amor e da misericórdia (cf. Mt 9,13). Jesus não concordava com esta justiça e dizia: “Se a justiça de vocês não for maior que a justiça dos fariseus e escribas, vocês não vão poder entrar no Reino dos céus” (Mt 5,20).

Na raiz daquela falsa justiça estava a injustiça maior da falsa imagem de Deus que a religião comunicava ao povo. Por causa da insistência na observância da lei, Deus aparecia como um juiz severo que ameaçava com castigo e condenava, e não como um pai que acolhia e perdoava. Esta injustiça para com Deus se manifestava nas coisas mais comuns do dia a dia. Por exemplo, eles não podiam comer sem lavar as mãos (Mc 7,3); não podiam sentar à mesa com pessoas de outra raça ou de outra religião (Mc 2,16); não podiam entrar na casa de um pagão (At 10,28); não podiam arrancar espigas nem curar um doente em dia de sábado (Mt 12,1-2; Mc 3,1-2). A lei ameaçava o povo de todos os lados: “Pecado! Proibido! Não pode!”. O povo, em vez de sentir-se em paz diante de Deus, tinha a consciência pesada, pois não conseguia observar a lei nem alcançar a justiça (cf. Rm 7,15.19).

Jesus não pensava assim. Ele tinha fome e sede de uma outra justiça. Para Jesus, o amor de Deus por nós não é fruto das nossas observâncias, mas é um dom que recebemos de Deus. A mãe ama a criança não porque a criança é boa e lhe obedece em tudo, mas porque ela mesma é mãe. Mãe é mãe! Amor de mãe não se compra, nem se merece, mas se recebe de graça pelo simples fato de nascer. “Quisesse alguém dar tudo o que tem para comprar o amor, seria tratado com desprezo” (Ct 8,7). Temos que observar a lei de Deus, sim, sempre! Mas não para merecer ou comprar o céu. Observamos a lei para agradecer a imensa bondade com que Deus nos acolhe e “nos amou primeiro”, sem mérito algum da nossa parte (1Jo 4,19). Aqui está a raiz da misericórdia!

Esta visão da justiça cresceu em Jesus, desde pequeno, convivendo em casa com sua mãe que lhe falava do amor e da misericórdia de Deus (cf. Lc 1,54-55) e lembrava as histórias de Jeremias, Oseias e Isaías, e de tantas outras pessoas. Ele descobria o amor de Deus Pai no amor que recebia de Maria, sua mãe, de Ana, sua avó, e de José, seu pai, que era um homem *justo* (Mt 1,19). Jesus traduzia esse amor naqueles gestos tão simples de ternura com que recebia e acolhia as pessoas, desde as crianças até os adultos: Zaqueu (Lc 19,1-10), Bartimeu (Mc 10,46-52), Talita (Mc 5,41), Nicodemos (Jo 3,1-15), Madalena (Lc 8,2; Jo 20,11-18), Levi (Mc 2,13-17), a mulher adúltera (Jo 8,1-11), a moça do perfume (Lc 7,36-50), a samaritana (Jo 4,7-26), a cananeia (Mt 15,21-28), as mães com crianças pequenas nos braços (Mc 10,13-16). Irradiando esta sua fome e sede de justiça, Jesus irradiava a misericórdia do Pai.

## A misericórdia de Jesus para com os misericordiosos

*Bem-aventurados os que são misericordiosos,  
porque encontrarão misericórdia.*

Jesus era a misericórdia em pessoa. *Miseri-cór-dia*: é ter o coração na miséria dos outros. Ele conhecia de perto a miséria e o sofrimento do seu povo. Nas parábolas ele menciona a

angústia dos desempregados que viviam à espera de um biscate (Mt 20,1-6); a situação do povo cheio de dívida, ameaçado de ser escravizado (Mt 18,23-26); o desespero que chegava a levar o pobre a explorar seu próprio companheiro (Mt 18,27-30; Mt 24,48-50); a extravagância dos ricos que ofendia os pobres (Lc 16,19-21); a luta da viúva pobre pelos seus direitos (Lc 18,1-8). A miséria do povo enchia o seu coração.

O que Jesus mais fazia era atender as pessoas que o procuravam em busca de alguma ajuda ou alívio. Ele fazia isto desde pequeno. Lá em Nazaré, como todo mundo, ele trabalhava na roça e, além disso, ajudava o povo como *carpinteiro*. Naquela época, *carpinteiro* era aquela pessoa bem prática do povoado a quem todos recorriam para resolver seus problemas domésticos: mesa quebrada, telha estragada, arado desregulado etc. Este seu jeito natural de servir aos outros, Jesus deve ter aprendido com sua mãe, que chegou a viajar mais de 100 quilômetros só para ajudar Isabel, sua prima já idosa, no seu primeiro parto (Lc 1,36-39.56-57). Jesus dizia de si mesmo, resumindo o sentido da sua vida: “Eu não vim para ser servido, mas para servir” (Mc 10,45).

Sim, Jesus era a misericórdia em pessoa. Certa vez, ele queria descansar um pouco e foi de barco para o outro lado do lago (Mc 6,31). O povo soube e foi a pé na frente dele e ficou esperando por ele na praia (Mc 6,33). Vendo o povo, Jesus esqueceu o descanso e disse: “Tenho dó desse povo. São como ovelhas sem pastor” (Mc 6,34). Outra vez, em Cafarnaum, terminado o sábado, no momento de aparecer a primeira estrela no céu, o povo levou a ele todos os doentes da cidade, e ele curou a todos (Mc 1,32-34). Era tanta gente que o procurava que nem sobrava tempo para ele comer (Mc 3,20; Mt 6,31). O evangelho conta muitos episódios desta atenção misericordiosa de Jesus para com as pessoas: com a mulher adúltera (Jo 8,11), com o paralisado (Mc 2,9), a moça pecadora (Lc 7,47), o bom ladrão (Lc 23,34). Perdoou até o soldado que o estava matando (Lc 23,34).

Pedro, ouvindo Jesus falar tanto em misericórdia e perdão, perguntou: “Quantas vezes devo perdoar, se meu irmão pecar contra mim? Até sete vezes?” (Mt 18,21). O número sete

significava a totalidade. No fundo, Pedro perguntava: “Então devo perdoar sempre?”. E Jesus respondeu: “Não lhe digo que até sete vezes, Pedro, mas até setenta vezes sete”. Ou seja: “Não lhe digo até sempre, mas até setenta vezes sempre!”.

O evangelho conta também as brigas e discussões que Jesus sustentava para defender os sofredores contra as agressões injustas das autoridades religiosas. Defendeu a mulher que vivia curvada há 18 anos e que foi agredida pelo coordenador da sinagoga (Lc 13,10-17). Defendeu a moça que foi injuriada como pecadora na casa de um fariseu (Lc 7,36-50). Defendeu as mães que queriam uma bênção para as crianças, contra a má vontade dos discípulos (Mt 19,13-15). Defendeu os discípulos criticados por arrancarem espigas em dia de sábado (Mt 12,1-8). Defendeu a mulher acusada de adultério por alguns fariseus (Jo 8,1-11). Defendeu e curou o rapaz com mão seca dentro da sinagoga em dia de sábado (Mc 3,1-6). Acolheu os leprosos, os doentes, os cegos, os coxos, todos e todas que o procuravam. E ele explicou o motivo que o levava a agir assim: “Quero *misericórdia* e não sacrifício” (Mt 9,13; 12,7; 23,23). Agindo assim, Jesus irradiava para os outros o amor misericordioso que ele mesmo recebia do Pai. Colocava em prática o que ensinava aos outros: “Sede misericordiosos como o Pai de vocês é misericordioso” (Lc 6,36).

## A misericórdia de Jesus para com os puros de coração

*Bem-aventurados os puros de coração,  
porque verão a Deus.*

Coração puro gera olhar puro e assim faz perceber os sinais de Deus na vida. Fazia parte da missão de Jesus “abrir os olhos dos cegos” (Lc 4,18). Ele dizia aos discípulos: “A lâmpada do corpo é o olhar. Quando o olhar é sadio, o corpo inteiro também fica iluminado. Mas, se o olhar está doente, o corpo também fica na escuridão. Portanto, veja bem se a luz que está em você não é escuridão” (Lc 11,34-35).

Quem tem um olhar de inveja, não enxerga corretamente as pessoas e não percebe a presença de Deus nos outros. Quem tem um olhar de orgulho, de raiva ou de vingança, não consegue apreciar direito os fatos da vida. Tais pessoas são cegas. Jesus dizia que alguns fariseus eram cegos, porque não enxergavam direito nem a vida nem as coisas de Deus (cf. Mt 15,14; 23,16-17; Jo 9,40-41). Mas quem tem um olhar puro, esse consegue perceber os apelos de Deus na vida. Vê a Deus!

Jesus, ele tinha um olhar limpo, puro, e o mantinha puro por meio da oração, tendo sempre presente a vontade do Pai (Jo 4,34; 5,19). Ele só fazia aquilo que o Pai lhe mostrava que era para fazer (Jo 5,19). Ele falava só aquilo que ouvia do Pai (Jo 5,30).

Jesus procurava ajudar os discípulos a limpar o olhar: “Cuidado com o fermento dos fariseus e de Herodes!” (Mc 8,15-16). A mentalidade do “fermento de Herodes e dos fariseus” (Mc 8,15) tinha raízes profundas na vida daquele povo. Também hoje, o *fermento do consumismo* tem raízes profundas na nossa vida e exige uma vigilância constante. Jesus procurava atingir essas raízes para poder arrancar o “fermento” que os impedia de perceber Deus na vida. É bonito ver como Jesus, através do diálogo, ia ajudando as pessoas a ter um coração puro para poder perceber melhor os apelos de Deus. O evangelho de João dá uma atenção especial a esta preocupação de Jesus: a conversa de Jesus com a samaritana (Jo 4,7-26), com Nicodemos (Jo 3,1-15), com Marta (Jo 11,21-27), com o cego que foi curado (Jo 9,35-39), até mesmo com pessoas que resistiam a ele: alguns judeus (Jo 8,31-59) e Pilatos (Jo 18,33-38).

Vale a pena ver de perto como ele fazia para purificar os olhos e o coração dos discípulos e como combatia o falso fermento ou a falsa mentalidade que, até hoje, impede a visão correta das coisas: Certa vez, alguém que não era da comunidade usava o nome de Jesus para expulsar os demônios. João viu e proibiu, pois, assim ele dizia, aquela pessoa não fazia parte do grupo (Mc 9,38). Era o fermento da *mentalidade de grupo fechado*. Jesus responde: “Não impeçam! Quem não é contra, é a favor!” (Lc 9,39-40). Outra vez, os

discípulos brigavam entre si pelo primeiro lugar (Mc 9,33-34). Era o fermento da *mentalidade de competição e de prestígio*. Jesus reage: “O primeiro seja o último” (Mc 9,35). “Não vim para ser servido, mas para servir” (Mc 10,45; Mt 20,28; Jo 13,1-16). Outra vez, mães com crianças queriam chegar perto de Jesus. Os discípulos as afastavam. Era o fermento da *mentalidade de quem marginaliza o pequeno*. Jesus os repreende: “Deixem vir a mim as crianças!” (Mc 10,14). “Quem não receber o Reino como uma criança, não pode entrar nele” (Lc 18,17). Outra vez ainda, vendo um cego, os discípulos perguntaram: “Quem pecou, ele ou seus pais, para que nascesse cego?” (Jo 9,2). Era o fermento da *mentalidade de quem segue a opinião da ideologia dominante*. Jesus responde: “Nem ele, nem os pais dele, mas para que nele se manifestem as obras de Deus” (cf. Jo 9,3).

Em todas estas atitudes, Jesus se esforçava para que as pessoas purificassem seu olhar sobre o próximo. Ele diz: “Tudo que vocês fizerem a um destes meus irmãos mais pequeninos é a mim que o farão” (Mt 25,40). Ele se identifica com os pequenos: “Era eu!” (Mt 25,40.45). Ele levava as pessoas a perceber a presença dele até nas coisas mais simples da vida, como dar um copo de água (Mt 10,42; Mc 9,41).

## A misericórdia de Jesus para com os que lutam pela Paz

*Bem-aventurados os que promovem a paz,  
porque serão chamados filhos de Deus.*

A construção da Paz começa nas coisas pequenas, como desejar um “bom-dia!”, e só terminará quando o mundo estiver reconstruído: sem guerra, sem fome, sem doenças, sem injustiça, sem opressão, todos vivendo como irmãos e irmãs uns dos outros. Este é o objetivo da construção da Paz, da Paz completa. *SHALÓM*. A Paz é como uma casa para morar: ela é construída tijolo por tijolo. Quem não cuida do tijolo, nunca terá casa para morar. Qual é o tijolo que serve para construir a casa da Paz?

A vida de Jesus é uma amostra de como ser construtor de paz. Onde havia ódio, levava o amor; onde havia ofensa, levava o perdão; onde havia discórdia, levava a união; onde havia dúvida, levava a fé; onde havia erro, levava a verdade; onde havia desespero, levava a esperança; onde havia ofensa, levava o perdão; onde havia tristeza, levava a alegria; onde havia injustiça, levava a justiça e o direito; onde havia trevas, levava a luz.

Aos discípulos amedrontados dizia: “A paz esteja com vocês!”. Soprou sobre eles dizendo: “Recebam o Espírito Santo!”, e deu a eles o poder de perdoar e de reconciliar (Jo 20,21-23). E quando os enviou em missão, não permitia que levassem nada, a não ser uma única coisa: a Paz. E quando chegavam em algum lugar, eles deviam dizer: “A Paz esteja nesta casa!” (Lc 10,5). Assim começou e recomeça o processo da Paz que reverte o processo do ódio, da confusão, da discórdia, da ofensa, da destruição, iniciado com Adão e Eva (Gn 2,1-7), com Caim e Lamec (Gn 4,8.24), com o Dilúvio (Gn 6,13-17) e com a Torre de Babel (Gn 11,1-9). Assim recomeça a reconstrução do Paraíso da Paz.

Não se começa a construção da casa pelo telhado, mas pelo alicerce. Qual o alicerce da casa da Paz? É a reconstrução do relacionamento humano entre as pessoas, bem na base, para que possa nascer e renascer a vida em comunidade. No tempo de Jesus, o povo esperava que o profeta Elias voltasse “para reconduzir o coração dos pais para os filhos e o coração dos filhos para os pais” (Ml 3,23-24). Eles esperavam que fosse refeito o tecido básico da convivência humana, pois, sem este alicerce, o resto não teria consistência. Seria construir a casa em cima da areia (cf. Mt 7,26). Seria reboque em parede rachada. Esconde, mas não conserta.

O que Jesus mais fez foi exatamente isto: refazer a vida comunitária nos povoados da Galileia. Conforme o evangelho de Marcos, a primeira coisa que Jesus fez foi chamar discípulos para formar comunidade com eles (Mc 1,16-20; 3,14). Ao redor dele nascia a nova fraternidade, expressão do amor solidário de Deus, fundamento na construção da Paz. Ele acolhia as pessoas, dava lugar aos que não tinham lugar, era

irmão para os que viviam isolados, denunciava as divisões que impediam a construção da Paz: divisão entre próximo e não próximo (Lc 10,29-37); entre pagão e judeu (Mt 15,28; cf. Lc 7,6); entre puro e impuro (Mt 23,23-24; Mc 7,13-23); entre pobres e exploradores (Lc 20,46-47; 22,25). Quando curava uma pessoa ou perdoava um pecador, dizia: “Vai em paz!” (Lc 7,50; 8,48; Mc 5,34). Quando, depois da ressurreição, aparecia aos discípulos, ele dizia: “A Paz esteja com vocês!” (Lc 24,30; Jo 20,19.26). Ele trouxe a Paz que só Deus nos pode dar (Jo 14,27). É a Paz como fruto da justiça, fruto de longa luta e de muito sofrimento. Por isso disse que não veio trazer a Paz, mas sim a espada e a divisão (Mt 10,34; Lc 12,51).

Jesus reforçava a vida em comunidade, que é o fundamento da Paz, o lugar da reconstrução da Aliança. A Paz existe quando todos e todas são acolhidos como irmãos e irmãs, uns dos outros, todos sendo filhos e filhas do mesmo Pai. Jesus procurava reintegrar as pessoas marginalizadas na convivência humana (Mc 1,40-45). A comunidade deve ser como o rosto de Deus, transformado em Boa-Nova para o povo. Jesus era ecumênico e universal. Acolhia todos: judeus, romanos, samaritanos, a mulher cananeia.

## A misericórdia de Jesus para com os perseguidos por causa da justiça

*Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça,  
porque deles é o Reino do Céu.*

Como dissemos, a maior injustiça na época de Jesus era a falsa imagem de Deus que a religião oficial comunicava ao povo: um Deus severo, juiz que ameaçava com castigo e condenava. Por causa desta falsa imagem de Deus, a própria vida humana era falsificada e aparecia de um jeito que já não correspondia mais ao projeto de Deus. Em vez de abrir a porta do Reino, a religião parecia querer fechá-la. Jesus dizia: “Vocês fecham o Reino do Céu para os homens. Nem vocês entram, nem deixam entrar aqueles que o desejam” (Mt 25,13).

Jesus não aguentava esse tipo de religião que, em nome da lei de Deus mal interpretada, matava na alma do povo a alegria de viver. Ele não veio para condenar o mundo, mas sim para salvá-lo (Jo 12,47). Jesus anunciava a Boa Notícia de um Deus-Misericórdia que acolhe e salva, e não a notícia triste de um Deus severo que condena e castiga. Ele dizia: “Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para condenar o mundo, e sim para que o mundo seja salvo por meio dele” (Jo 3,17). Jesus irradiava este amor em atitudes concretas para com os pobres, os mansos, os aflitos, os que tinham fome e sede de justiça, os que buscavam ter misericórdia com os miseráveis, os que buscavam a presença de Deus na vida, os que lutavam pela paz.

Por causa deste seu amor à justiça, Jesus foi criticado e perseguido. Quando perdoou o paraplégico, foi criticado (Mc 2,6-7). Quando foi jantar na casa do publicano Levi, foi reprovado (Mc 2,16). Quando num sábado curou o cego de nascimento, foi denunciado (Jo 5,16). Quando comia sem lavar as mãos, era ridicularizado (Mt 15,2). Tentaram desmoralizá-lo dizendo que ele era um possesso (Mc 3,22), um comilão e beberrão (Mt 11,19), um louco (Mc 3,21), um pecador (Jo 9,24), um blasfemo (Mc 14,64). Quando Jesus desafiou as autoridades e disse que a maneira de elas interpretar a lei de Deus era contrária à vontade de Deus, elas decidiram matá-lo (Mc 3,6).

Jesus sabia que não conseguiria mudar a cabeça dos líderes do povo. Sabia que a sua fidelidade ao Deus misericordioso que acolhe a todos como filhos e filhas seria interpretada como heresia e que o seu destino seria a prisão, a tortura e a morte de cruz. As profecias sobre o Servo de Javé não deixavam dúvida a este respeito (cf. Is 50,6; 53,3-10). Se quisesse, Jesus poderia ter escapado da morte. Mas Jesus não quis escapar. “Pai, não se faça a minha, mas a tua vontade!” (Lc 22,42). Até o último respiro da sua vida, ele continuou revelando a face da misericórdia de Deus. Era esta sua obediência radical ao Pai, que o levava a desobedecer às autoridades religiosas do seu tempo.

Por este seu jeito de ser e pelo testemunho de sua vida, Jesus encarnava a misericórdia do Pai e a revelava ao povo e aos discípulos (Mc 6,31; Mt 10,30; Lc 15,11-32). Foi esta a Boa-Nova da misericórdia do Pai que Jesus viveu e irradiou durante os três anos que andou pela Galileia anunciando o Reino de Deus. Sua mensagem desagradou aos poderosos e eles o prenderam, condenaram e mataram na cruz. Mas Deus o ressuscitou, confirmando assim para todos que este é o caminho que leva à vida.

# Crer, lutar e esperar

## Horizonte teológico-espiritual da justiça, paz e integridade da Criação

IR. AFONSO MURAD\*

Apresentamos o “Credo pela justiça, o Bem-Viver e a sociedade sustentável”, como texto inspirador da Justiça, Paz e Integridade da Criação (JPIC). Visa suscitar reflexão e aprofundamento acerca de nossas convicções.

*(1) Cremos no Deus da justiça.*

Para nós, consagrados da América Latina e Caribe, Deus se revela como o “amante da vida” em toda sua extensão (Sb 11,26). Seu amor gratuito e misericordioso supera a visão meramente jurídica e distributiva de justiça (Sl 103). Ele “faz raiar o seu sol sobre maus e bons e derrama chuva sobre justos e injustos” (Mt 5,45). Cria a partir do nada e recria a partir do caos. Ele não dá a cada um/a o que merece, mas sim concede sua graça a todos, a começar de quem mais necessita. Faz justiça ao defender os oprimidos (Sl 103,6). Em continuidade com os profetas da Bíblia, escutamos os clamores de Deus na nossa realidade. Denunciamos as injustiças (Is 10,1-2), a manipulação da religião a serviço da opressão dos pobres e anunciamos a Boa-Nova, que chama à conversão pessoal, comunitária e estrutural (Is 1,10-19). Sofremos incompreensão e por vezes somos perseguidos, inclusive no interior dos nossos Institutos e da Igreja. Cremos que o Reino de Deus, inaugurado por Jesus, estende suas raízes na história humana, até que Deus “seja tudo em todos” (1Cor 15,8b).

*(2) Cremos no Deus da paz.*

Como seguidores(as) de Jesus, escutamos confiantes sua voz: “Eu lhes dou a minha paz” (Jo 14,27; 20,20). Compartilhamos o “Shalom”, que se traduz em harmonia, quietude, sintonia e empenho para criar relações justas e fraternas.

\* **Ir. Afonso Murad** é irmão marista. Doutor em Teologia (Universidade Gregoriana). MBA em Gestão e Tecnologias Ambientais (Universidade de São Paulo). Professor de Teologia. Membro da Equipe Interdisciplinar da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) e da Equipe de teólogos/as assessores/as da presidência da CLAR.

Queremos viver a Bem-aventurança: “felizes o que promovem a paz, porque serão chamados Filhos de Deus” (Mt 5,9). Sabemos que o compromisso com a paz suscita conflitos, pois retira da zona de conforto pessoas, grupos e instituições. Aderimos à causa do “Bem-Viver”, que implica construir uma sociedade fundamentada nos caminhos para a paz, em várias direções: para trás, com o nosso passado pessoal e coletivo; para a frente, com as gerações futuras; para o alto, com Deus; para baixo, com o meio ambiente; para os lados, com nossas/os coirmãs/ãos e as/os leigas/os que atuam conosco; para dentro, consigo mesmo.

*(3) Cremos em Deus, comunidade interdependente: Pai materno, Filho(a) e Espírito. Princípio da diversidade biológica e humana, Luz das luzes, Fonte das fontes (Sl 36,10). Proclamado(a) e reverenciado (a) de várias formas e com tantos nomes em múltiplas tradições religiosas.*

A biodiversidade se fundamenta teologicamente na Trindade, diversidade do Deus-comunidade, que sendo muitos é um. Unidos a homens e mulheres de distintas crenças, como também aos não crentes, defendemos tanto a biodiversidade quanto os direitos humanos provenientes das diferenças étnicas, culturais, religiosas, de gênero, de orientação sexual, de gerações. Se estas diferenças forem acolhidas em perspectiva de solidariedade, de colaboração recíproca, e superarem a estreiteza do corporativismo, a humanidade caminhará em direção à paz. Com o salmista, louvamos: “como são numerosas tuas obras, Senhor. Com sabedoria fizeste todas elas. A terra está cheia das tuas criaturas” (Sl 104,24).

O Deus da vida, diverso e uno, nos chama a promover a vida. O planeta Terra é a nossa “casa comum”. Aqui partilhamos da mesma morada, edificada pelo solo, o ar, a água e a energia. Com os sete bilhões de humanos, habitamos esta bela e frágil casa, onde convivem, em múltiplas teias, os micro-organismos, as plantas e os outros animais. Nossa fé no Deus-comunidade nos leva e enfrentar um projeto de sociedade baseado na competição e no sucesso individual e a promover relações de cooperação; a incentivar o protagonismo das crianças, dos jovens, dos pobres e dos indígenas.

(4) *Creemos que a humanidade e todos os seres foram criados na Palavra e pela Palavra (Gn 1; Jo 1,1). Por isso, recebem de Deus: dignidade, sentido, meta, direção, inteligibilidade e impulso para a comunicação.*

Na narração poética de Gênesis 1, proclama-se que todos os seres passaram a existir a partir da livre vontade criadora de Deus. Assim se repete várias vezes: “e Deus disse” (v. 1, 3, 6, 9, 11). Enquanto a ciência formula hipóteses sobre como surgiu e se desenvolveu a matéria, dos seres abióticos até os seres vivos complexos, nossa fé reflete sobre por que e para que ela existe. A criação, sistema aberto de matéria e energia em evolução, ainda não terminou. Creemos que todo este movimento se origina em Deus e para ele se orienta. A natureza é palavra silenciosa de Deus, que nela manifesta sua beleza e esplendor (Sl 19,1-8).

A percepção sensorial está presente, em diferentes níveis e intensidade, em todos os outros seres vivos, sobretudo nos mamíferos. Estes últimos são “sencientes”, pois provam dor, medo e prazer. No nosso planeta, os humanos somos os únicos que “pensam e sabem que pensam”: seres de linguagem, de interpretação, de comunicação e de ação criativa. No entanto, as palavras e ações humanas podem ser direcionadas para o projeto salvador de Deus, a elevação das consciências em direção à cooperação e ao amor, ou se desviar para o “sem-sentido”, a sedução enganosa do poder, a insanidade que conduz à aniquilação e à morte (Dt 30,17-18). Ter consciência implica responsabilidade e decisão. Por isso, renovamos nossa opção de “escolher a vida” (Dt 30,15).

A palavra humana, tantas vezes negada aos mais fragilizados da nossa sociedade, necessita ser difundida e aprofundada. Por isso, os/as religiosos/as estão comprometidos/as em processos de organização, de conscientização e de educação.

(5) *Creemos que a Palavra se fez carne em Jesus de Nazaré (Jo 1,14).*

Jesus percorreu campos, vilas e cidades. Inaugurou o Reino de Deus (Mc 1,15) e andou por toda parte “fazendo o bem” (At 10,37). Acolheu os pobres e pecadores, curou, libertou homens e mulheres de males biológicos e psíquicos (Lc 4,18-21). Denunciou os equívocos da religião legalista

(Mc 7,1-23) e colocou o ser humano necessitado em primeiro plano (Mc 2,23-28). Ao partilhar a mesa com os excluídos (Mc 2,15-17), Jesus mostrou que outro mundo é possível e necessário. Em Jesus, todo ser humano, independentemente de sua crença, encontra referências, valores, formas originais de conviver e atuar na sociedade como “nova criatura” (2Cor 5,17).

A encarnação do Filho de Deus significou uma nova etapa evolutiva para a humanidade e para o cosmos. O divino assume e transforma não somente o humano, mas também a matéria mesma. Esta matéria finita, degradável, bela e limitada, criada radicalmente boa (Gn 1,31), mas contagiada pelo mistério do mal, começa a ser redimida. A criação geme e aguarda a sua libertação (Rm 8,19-20), para participar da liberdade e da glória dos filhos de Deus (Rm 8,21). Jesus Cristo glorificado ama profundamente o mundo em que ele viveu.

*(6) Cremos no Espírito Santo, princípio de relação, luz de Deus em nós.*

Sopro primordial, força vital, alento, o Espírito cria laços, vínculos, teias, pois ele/a é relação e tece relações entre todos os seres e entre os humanos. Em diferentes níveis, todas as criaturas, nas quais habita o Espírito de Deus, são imagens de Deus e devem ser respeitadas. O Espírito Santo cria, sustenta, renova (Sl 104,30) e leva à consumação a criação.

Vento surpreendente e fogo abrasador, ele/a impulsiona os seguidores de Jesus para criarem uma nova sociedade, onde cada um(a) ouve na sua própria língua materna (At 2,8), é respeitado(a) na sua peculiaridade, os jovens profetizam e os anciãos nutrem sonhos (At 2,17), partilha-se o alimento, cultiva-se a simplicidade e a alegria, e se saboreia a vida em comunidade (At 2,44.46).

Com distinta intensidade e modos diferentes, o Espírito de Deus está presente desde o princípio da criação (Gn 1,1), habita no ser humano que pratica o bem e faz sua morada naquele/a que acolhe Jesus, e junto com seus irmãos e irmãs trilham o caminho do seguimento.

(7) *Creemos na unidade entre mística e libertação.*

Na origem da fé judaico-cristã há um grito por libertação histórica. Moisés, criado na corte dos dominadores, rompe com sua ideologia quando “sai para ver seus irmãos e percebe a opressão a que eram submetidos” (Ex 2,11). Fica indignado com a violência praticada contra eles! No meio do trabalho de pastor e convivendo com a natureza, faz uma experiência mística que mudará sua vida.

Moisés encanta-se ao ver um arbusto que queima, mas não se consome (Ex 3,3). Neste fogo fascinante, energia que aquece e ilumina, manifesta-se o Deus que não se deixa manipular: Javé, aquele/a que simplesmente é, que está junto de seu povo. Divino, outro, grande e próximo. Fascinante e tremendo (Ex 3,5-6). Então, a surpresa! Javé não é a projeção divina das forças da natureza. Ele/a não se confunde com o calor do sol, o poder dos raios, a força das tempestades, os ciclos de vida e de morte das plantas e dos animais. Nem pede para ser cultuado(a) nestes seres. Javé deixa-se tocar pelo sofrimento do povo escravizado no meio do grande império, ouve seus clamores, vê sua situação, conhece suas aflições (Ex 3,7). Deus não é impassível. Ele “desce” para libertar o povo que geme (Ex 2,23-25).

Jesus vive uma intensa intimidade com Deus, a quem chama carinhosamente de “Abbá”, paizinho. Aí se revela o segredo de sua missão. Retira-se para orar muitas vezes (Lc 11,1). Prepara as decisões em oração. No momento mais difícil de sua existência, quando percebe a possibilidade de ser assassinado violentamente, se entrega totalmente a Deus (Mc 14,36). Ao mesmo tempo, Jesus é um homem ativo, que se dedica à missão de trazer a Boa Notícia do Reino de Deus, de libertar, de curar e promover o ser humano, a partir dos mais pobres (Mt 11,5). Prepara o grupo dos seus seguidores, levanta perguntas que fazem pensar. Testemunha liberdade e alteridade que fascinam homens e mulheres de tempos e lugares diversos.

Nosso engajamento social e ecológico se caracteriza por esta tensão positiva entre mística e libertação. Mergulhar

em Deus, nutrir-se de sua Palavra, provar seu amor gratuito e fiel, colocar-se no seguimento de Jesus. E, simultaneamente, empenhar tempo, energia e processos para mudar a sociedade e ter uma nova postura em relação ao meio ambiente.

A espiritualidade ecológica acentua a gratuidade, o silêncio, a sintonia com a dança do cosmos, a reconexão, a transparência de Deus na criação, a sabedoria que aprende da natureza. A espiritualidade libertadora, por sua vez, enfatiza o compromisso com a transformação social, a indignação e a mobilização em favor dos fracos e oprimidos, o pensar crítico, o profetismo. Uma ecoespiritualidade libertadora consegue articular estas dimensões distintas e complementares. E alcança maior profundidade e amplidão do mistério divino.

*(8) Cremos no Deus do futuro, criador e libertador.*

A promessa é uma novidade da fé judaico-cristã. A relação do ser humano com o Divino não consiste no “eterno retorno” a um passado idealizado, ou em uma série de ritos visando conquistar os favores dos deuses, mas sim no empenho pela construção do futuro. O Deus que louvamos e bendizemos em sua grandeza está conosco, vai a nossa frente, abre caminhos inimagináveis. Embora seja tão diferente dos humanos, faz aliança, pacto de fidelidade e de reciprocidade: “Eu serei o seu Deus e vocês serão o meu povo” (Ex 6,7). Jesus ressuscitado, início da nova criação, promete que estará sempre conosco (Mt 28,20). Seu espírito nos conduzirá à verdade plena (Jo 16,13).

Quando o povo de Israel estava no exílio, sem terra e sem nação, explicitou a crença no Deus criador. O primeiro gesto libertador de Deus consiste em criar, separar, organizar e vencer o caos primitivo. Por isso, nos Salmos se louva ao mesmo tempo a Javé pela criação e pela libertação histórica. O Salmo 136, embalado no refrão: “porque eterno é seu amor”, louva a Deus pelo céu, o solo, as águas, os astros (v. 3-9). E, logo a seguir, recorda com gratidão a libertação do Egito e a posse da terra (v. 10-24). E por fim,

dá graças a Deus, que sustenta a todo ser vivo (v. 25). Já no Salmo 146, pede-se para não colocar a confiança nos poderosos, pois eles são frágeis e passageiros, como todos os outros seres sujeitos ao ciclo da vida e da morte. Deve-se confiar em Javé, o criador, que mantém sua fidelidade e faz justiça aos oprimidos (v. 5-7).

Se o mesmo Deus que liberta e faz aliança é o que cria, em movimento contínuo em direção à plenificação, então se descobre as conexões entre o mundo material, a evolução do cosmos, a história humana, a encarnação, a salvação em Cristo e a escatologia. Dependendo de Deus, o futuro não será a aniquilação, mas a consumação, a nova criação (2Cor 5,18). A consciência social e ecológica nos pacífica e inquieta. Estimula-nos a lutar pela justiça, a promover a paz e uma sociedade ecologicamente sustentável.

*(9) Cremos, esperamos e assumimos compromissos.*

O livro do Apocalipse anuncia, de forma esperançosa, a vinda do “Novo Céu e Nova Terra” (Ap 21,5). Cremos que a salvação, libertação da maldade, da provisoriidade e da degradação em vários níveis, atingirá a todos os seres, que seremos transformados e recapitulados em Cristo, no Espírito. A luta pela justiça social, a promoção da paz e o cuidado com a Terra não são elementos opcionais ou secundários, mas sim componentes fundamentais do projeto salvífico de Deus, ao qual somos chamados a colaborar.

Somos filhos e filhas da Terra, irmãos e irmãs em um mundo dividido, violento e fragmentado. O ar, o solo, a água e a energia do sol, os micro-organismos, as plantas e os animais não são somente “recursos naturais”, mas também nossos irmãos e irmãs. Compartilhamos de sua beleza e finitude. Deus nos confiou este planeta para o ad-

humanos se expandem com os direitos da Terra, assegurados pelo Deus da Vida.

Compartilhamos este apelo com toda a Vida Religiosa Consagrada do nosso continente: *escutemos os clamores dos pobres e respondamos ao grito da Terra!*

Fonte: CLAR. Congresso da Vida Consagrada. *Memórias*. Bogotá, Colômbia, 18 a 21 de junho de 2015, p. 291 a 300.

# Ano da Vida Consagrada: relevâncias das Novas Gerações!

FREI RUBENS NUNES DA MOTA★

## Introdução

A Vida Consagrada (VC) é uma forma de resposta ao chamado de Deus. Esta vocação tem um itinerário que deve revelar o carisma como manifestação do espírito que responde aos apelos de cada tempo. A resposta deve dar testemunho público da vida em Cristo. Esse testemunho tem sua expressão nas constituições que sistematizam a expressão do carisma no ser consagrado e consagrada, bem como em seu agir diante da realidade que clama por justiça e vivência em Deus.

O Papa Francisco levou a VC para o centro das atenções da Igreja ao propor este ano de reflexão, ao mesmo tempo que interpela para que saíamos das preocupações somente com nós mesmos/as e nos coloquemos como Igreja em saída.

Diante dessas interpelações, veremos o movimento que as Novas Gerações (NG) têm feito não só para acompanhar esse itinerário, mas para contribuir na construção desse ser que deseja a consagração. Entre erros e acertos, os espaços de participação estão mostrando o rosto e as propostas desse grupo empolgado.

## Ano da Vida Consagrada

O ano da VC já iniciou seu segundo curso, deixando as comemorações e celebrações do primeiro semestre, continuando a árdua reflexão sobre nossa identidade e missão. Neste segundo curso, devemos continuar vivendo tudo o que nos foi proporcionado, quando o Papa Francisco traz

★ **Frei Rubens Nunes da Mota** é religioso da Ordem dos Frades Menores (OFM Cap). Durante cinco anos, foi assessor do Setor Juventude da CRB Nacional. Bacharel em Teologia e graduado em Psicologia, especialista em Terapia Sistêmica (terapeuta familiar). Mestre em Psicologia pela Universidade Católica de Brasília. Autor de vários livros, entre eles, *Juventudes e trajetória social: o crack como sinalizador do contexto*; *Juventudes: o exercício de aproximação*.

para o núcleo temático da Igreja a VRC; tempo para revisão de nosso ser Igreja a partir dos carismas, porém além de nossas estruturas e preocupações internas.

Creio que este aprendizado se dá com o resgate da carta Apostólica do Papa Francisco, nos convidando para aprender com o passado, sermos alegres no presente e prospectivos em nosso vigor missionário. Muito já foi escrito sobre esta carta, contudo, retomo estes três aspectos que o Papa Francisco nos exorta na perspectiva do tema antes proposto.

Quanto aos objetivos propostos para o ano da VC, o primeiro é a atenção para olhar o passado. Este aspecto é muito importante para os que ingressam na VRC, as NG, visto que são aprendizes de uma herança que, se negligenciada, trará sérios riscos sobre a fidelidade ao carisma e à tradição. Contudo, é importante a atenção sobre o carisma que ingressa na instituição, e nesse sentido a carta fala sobre a importância de se viver o presente com paixão. A paixão me faz recordar o texto que trata sobre o vigor dos discípulos de Emaús, quando percebem o coração ardendo diante do pão partido. A forma de acolher na casa de formação é muito importante, porém o testemunho no dia a dia, ao partir o pão, a vivência fraterna e o cuidado com outras dimensões que constituem a VRC são capazes de ressignificar e aprender com as dificuldades. Ao final da primeira parte da carta, o Papa Francisco fala sobre a necessidade de abraçar o futuro com esperança, para que sejamos homens e mulheres de comunhão, capazes de recordar e contar valores e limites, como método para gerar novos métodos, novas possibilidades.

Na segunda parte, vemos a exortação feita a nós, VRC, para que sejamos alegres. Em verdade a carta afirma que, onde existe VRC, tem alegria. Esta é uma afirmação que podemos, sim, visualizar entre muitos de nós, especialmente na formação inicial. Este parece ser um sinal que o Papa Francisco vê e que nos pode iluminar, mesmo diante de tantas inquietudes, crises e desistências. Por ser sinal, não é tão comum quanto deveria ser, especialmente em grupos que deveriam estar em pleno vigor, os religiosos e religiosas

de meia-idade. A carta segue dizendo que, além da alegria como testemunho, a VRC deve despertar o mundo através da profecia, continuar anunciando e denunciando e sendo uma alternativa diante de uma sociedade cheia de contrastes e corrupção. Devemos ser ainda, nos alerta, pessoas de comunhão, uma verdadeira casa e escola de comunhão, pois este é o núcleo identitário da VRC, a vivência em fraternidade. A comunhão interna e com projetos comuns, intercongregacionais, em vista de uma saída missionária, além-fronteiras. Esta comunhão e doação da VRC pode fazer com que ela se encontre, pois a vida faz sentido quando atende aos apelos, e são muitos os pedidos do mundo de hoje.

Assim o Papa Francisco conclui apontando que os horizontes da VRC devem ter atenção para com os leigos/as, para com toda a Igreja, para a necessidade sobre o ecumenismo e inter-religiosidade. A carta revela, pois, o grande desejo e esperança que o Papa Francisco põe na VRC e, por isso, pede a intercessão de Maria, nossa mãe, para que consigamos ser este sinal que a Igreja e a sociedade precisam.

## Os sinais da VRC na América Latina e Caribe (ALC)

### O caminho percorrido

A VRC da ALC fez um longo processo até chegar ao Congresso em Bogotá (17 a 21 de junho de 2015). Esse caminho teve como ícone Betânia, como casa de encontro, comunidade de amor e coração da humanidade.

Uma olhada em cada um dos personagens que compõem esta realidade de Betânia poderá ajudar-nos neste encontro de amor que pode humanizar. Podemos aprender com Lázaro, que percorre o itinerário do amor fraterno com Jesus à morte, porém, tendo cuidado com o que nos deixa enfermos/as ou no túmulo. Vemos a importância de se pensar os processos das NG feitos nas instituições, do amor primeiro vocacional, *versus* as enfermidades e desistências. Há necessidade de que a VRC possa ir além de si mesma, chegando ao social e

percebendo os que estão mortos ou pedindo socorro diante da ameaça da morte. Podemos aprender com Marta, quando o apego às heranças impede de chegar ao essencial. Quando o ativismo e as tradições travam processos e escravizam, impedindo que o serviço seja diaconia, mas seja cobrança. Chegamos a Maria e vemos espontaneidade, contemplação, o gastar tempo juntos, sentados aos pés de Jesus.

A chegada de Jesus em Betânia deixa Marta e Lázaro de pé, ou seja, todos e todas são convocados para esta presença afetiva e efetiva de Jesus. Esta nova postura vai desde aceitar a divindade de Jesus (somente ele pode ressuscitar), até obedecer a ele, assumir nossa participação nesse projeto (retirar a pedra, as ataduras...). Diante da ameaça da morte, faz-se necessário pensar no milagre da vida, da recriação. Se a morte mostra a desatenção ao projeto de Jesus, a ressurreição representada pela atitude de ficar de pé quer nos deixar em prontidão, atentos e atentas aos sinais dos tempos.

O convite amplo de Jesus quer fazer assumir e compartilhar sua atitude de atrair, criar laços, cultivar sonhos: que nossas comunidades possam ser sinais de Marta (transformar o ativismo em disposição, serviço, Igreja missionária), de Maria (amor esponsal, contemplação, doação total) e de Lázaro (fragilidade que se deixa mover por Jesus, ter fê e se colocar a caminho).

Diante deste cenário, podemos nos perguntar: como nascer de novo, ressignificar; reconhecer Jesus que já está entre nós, onde estamos centrados? Marta, Maria e Lázaro são três maneiras de seguimento que convocam à integração. Que não nos irriteemos com as diferenças, mas que nos façam aprender, na comunidade e na saída, na missão.

### Seminário das Novas Gerações

Antecedendo o Congresso da VRC, as NG realizaram um encontro desejando vivenciar e saborear o Encontro com Jesus, partilhar a vida e as experiências! Este encontro foi iluminado pelo lema do Congresso, “O encontro com Jesus desamarra a vida” (Jo 11,44b). Vejamos alguns temas marcantes deste dia empolgante de partilha de vida:

- Principais *desafios* que aparecem nas quatro regiões da CLAR: mal uso da cultura digital; a dificuldade relacional na vida comunitária; identidade como consagrados(as) diluída; ativismo; incoerência; repetições de padrões autoritários (é preciso que as NG passem dos protestos para as propostas); infantilismo por parte da formação ou comunidades de religiosos/as com mais idade; distância entre as reflexões e a prática.
- *Como* devemos agir diante dos desafios: cuidar do processo formativo; atenção à experiência pessoal de Jesus de Nazaré; incentivar o protagonismo não para apresentar a si mesmo, mas como responsabilidade para edificar e transmitir o que nos pede o Reino através de nossos carismas; criar espaços fraternos e humanizantes.
- Sobre a *formação*: que a formação das religiosas, que, em alguns casos, têm excessiva abordagem do tema econômico, cuide mais das pessoas; que os formadores e formadoras tenham cursos que enfoquem mais no ser do que nas normas e leis.
- Sobre os *sonhos* das NG: é preciso permitir sonhar; sair de si mesmo(a); desenvolver a capacidade de diálogo com a VRC idosa; abertura para as interpelações; que sejamos uma VRC humana e humanizadora; aprendamos a dialogar com as estruturas, das quais fazemos parte; que tenhamos uma visão integral entre os temas da formação, pastoral e espiritual nas NG; investir na intercongregacionalidade.

O encontro das NG proporcionou tanto a denúncia externa de processos que não ajudam quanto críticas internas sobre a necessidade do compromisso de quem faz as propostas. Foi percebido que é necessário levantar a voz, ser protagonista, porém não sem fixar os olhos em Jesus e fazer acontecer o que sonhamos.

### Congresso da VC

Na sequência do encontro nas NG, aconteceu o Congresso da VC com o tema: “Escutemos Deus onde a Vida

Consagrada clama; horizontes de novidade na vivência hoje de nossos carismas”, e o lema: “Retirem a pedra... sai para fora... retirem as vendas para que possa andar...” (Jo 11,39.43.44). Houve a participação de mais ou menos 1.500 pessoas, em sua maioria consagrados e consagradas, com algumas presenças de leigos.

Diante de tantas vivências e riquezas experienciadas no Congresso, destaco: na fala de Dom João Braz de Aviz, prefeito das congregações, o Papa Francisco é um dom para a Igreja e trouxe a VRC para dentro da Igreja, valorizando-a e, ao mesmo tempo, exortando-a para que evite o fechamento em si mesma. O recado foi que, ao trazer a VRC para dentro da Igreja, que esta se sinta chamada para integrar a Igreja. Como o Papa Francisco, sendo religioso, é um bem para a Igreja, nós, como VRC, somos uma riqueza. Alertou-nos para que superemos a vida dupla, vencendo as propostas mundanas, e que sejamos sinais no mundo. Disse ainda que o Papa Francisco tem insistido que Deus olha para nossa vontade de segui-lo e transmiti-lo, menos para nossos limites e pecados. Por fim, quanto ao aspecto missionário, relatou que o Evangelho, se vivido, é atrativo, por isso não precisa ser imposto, como no período de colonização; que haja amor, acima de normas.

Teve um impacto pessoal em mim a reflexão e testemunho do Pe. Victor Codina. Ao falar sobre o Concílio Vaticano II, disse que a VRC foi o seguimento eclesial que mais a sério levou o Concílio, tornando-se sinal do Reino na sociedade. Esta proposta enfrentou e enfrenta grandes desafios diante do laicismo, individualismo e outras ideologias ligadas ao sistema capitalista. Tudo isto trouxe grandes impactos à VRC (falta de vocações, envelhecimento, desânimo...). Um dos sinais positivos, a grande expressão desta adaptação, foi a inserção, sendo as mulheres as principais protagonistas deste estilo de vida.

Codina relatou que houve muitas mudanças pós-conciliares, com altos e baixos, mas que, após o inverno que vivenciamos, como Igreja, passamos a uma primavera com a eleição do Papa Francisco. Este tempo novo tem feito com

que a Igreja seja provocada para sair de si mesma e olhar para os problemas sociais. Que sejamos uma Igreja que respeite as diferenças e abra as portas para todos. Que deixemos o carreirismo e olhemos a realidade que nos clama, que tenhamos o cheiro das ovelhas. Que deixemos de ser uma Igreja envelhecida, para nos tornar uma Igreja nova e inspiradora. Que abandonemos o machismo e clericalismo, e sejamos uma Igreja dialogal e includente. Com o Papa Francisco a Igreja deve ser misericordiosa, capaz de sair para as periferias, sendo fermento social.

O Congresso encerrou revelando o forte impacto das NG em seu meio, provocando, animando e participando ativamente do processo de construção desta VRC que sonhamos.

## Os sinais da VRC no Brasil

Muitas foram as propostas refletidas pela CRB Nacional sobre como vivenciarmos este ano. Inicialmente seria um seminário nacional em Itaici, mas, diante da demanda, veio a proposta de um Congresso aberto na casa da Mãe Aparecida (abril, 2015). Com surpresa diante do grande número de religiosos e religiosas, mais de 2.000, com muita esperança e perguntas, a VRC fez acontecer o Congresso Nacional da Vida Consagrada.

O Congresso aconteceu entre os dias 7 e 10 de abril de 2015, inspirado pelo lema: “Não ardia o nosso coração quando ele nos falava no caminho?” (Lc 24,29), impulsionando os religiosos e religiosas ao aprofundamento bíblico e, à luz dos 50 anos do Concílio Vaticano II, a chegarmos ao nosso núcleo identitário.

O Congresso tratou ainda da identidade dos consagrados e consagradas, convocando para o seguimento radical de Jesus, assumindo a missão como serviço ao povo de Deus. Somada a estas provocações de especialistas, houve a riqueza do aprendizado que se deu através dos fortes momentos de convivência e partilha de vida entre os presentes.

Esse caminho possibilitou a percepção de que aprender com o passado é necessário para se viver um presente com esperança. Esse caminho pode ajudar na compreensão de nossa identidade e missão.

A vivência do Congresso, pelos diversos carismas presentes, foi um misto entre celebração, festividade e provocações diante das reflexões que despertavam para pensar a VRC de agora para a frente. Somado a esta vivência, podemos citar o movimento das NG em vista do III Congresso que acontecerá no Brasil no feriado de Carnaval de 2016, em Brasília-DF. A coordenação nacional, formada por membros das NG das cinco regiões do país, tem se esforçado para articular as vinte regionais da CRB com pequenos grupos que consigam vivenciar este clima de preparação para o Congresso; porém, mais do que isso, saborear a partilha de vida, a oração, proporcionando reflexões em vista da missão.

Acrescenta-se a esta vivência o movimento feito em vista do Seminário das NG, proporcionado pela CLAR, ocorrido dia 17 de junho deste ano. Para um evento tão grandioso, cumpriu seu papel. O Congresso celebrou e provocou as diversas instâncias e fases da VRC. Vejamos algumas reflexões das NG, tema implicado neste artigo.

## Os sinais nas Novas Gerações

Alguns sinais já foram percebidos anteriormente, no encontro das NG promovido pela CLAR; contudo, vejamos alguns elementos que contemplam a caminhada formativa na VRC.

Como quem compõe as NG, comumente, pertence às juventudes, os sinais de busca e inquietações são mais visíveis; porém, o vigor, ou seja, a junção desta busca com os apelos missionários depende da soma dos carismas, pessoal e institucional. Esta soma depende de se há acolhida, valorização, se de fato há um encontro dos carismas ou sobreposição.

Esta acolhida ou sobreposição tem a ver com o estilo formativo, com o regimento de cada instituição religiosa. Estas normas formativas podem ou não gerar o que chamamos de protagonismo, ou seja, participação e valorização ou não do formando e da formanda. O protagonismo passa pela participação, que questiona o programado, já instituído, provocando espaços para iniciativa e criatividade.

As NG, a exemplo do caminho feito pela CLAR, têm sinalizado caminhos assertivos em seus pré-congressos pelas regiões, em vista do III Congresso Nacional que acontecerá em fevereiro de 2016. Vejamos:

- Que tenhamos um itinerário de discipulado que nos leve à maturação.
- Que a formação tenha a ação do Espírito, onde somos corresponsáveis, não direcionadores nem direcionadas.
- Que tenhamos uma aproximação com o povo como parte integrante do processo formativo.
- Que tenhamos comunidade e fraternidades formativas.
- Que tenhamos atenção com o tema do acompanhamento humano e espiritual. Discernir sobre o que é acompanhamento da VRC, o que é próprio da terapia e o que é do acompanhamento espiritual; sabendo dar atenção especial, através do acompanhamento personalizado, aos que se encontram em crise.
- Que cuidemos para que a formação não se perca em etapas, esquecendo-se dos processos.

Diante destes apelos, é possível notar a importância dos vínculos na constituição das comunidades onde estão as NG, pois são eles os responsáveis pelo senso de pertença institucional, e isto se deve dar na vivência do dia a dia. Contudo, mesmo que as relações fraternas possam ser animadoras ou desanimadoras na caminhada enquanto VRC, é preciso ver além, compreendendo que nosso carisma deve ser em vista da missão.

Diante de tantas belezas reconhecidas nas celebrações do ano da VC, reconhecemos as virtudes da consagração; contudo, é preciso sinalizarmos alguns desafios neste caminho. Sabemos que nossa consagração é a Deus, a iniciativa do chamado é dele. Porém, o estado no qual nos consagramos exige de nós uma forma de viver esta resposta, que é a vida comunitária, fraterna. Temos que reconhecer que a VC tem o mérito de manter em si a comunhão das três pessoas da Trindade, diante do esforço da vivência fraterna. Contudo, temos que nos esforçar mais para que este sinal consiga perpassar as relações, dando consistência ao chamado de Deus, diante de tanta instabilidade que proporciona o chamado do “mundo”.

Um apelo interno muito forte diante do processo feito junto às NG trata das relações fraternas. É fato que nem sempre conseguimos ver nas diferenças que a pessoa traz consigo a beleza e o enriquecimento que o divino propõe como dom, que chega para somar nesta opção que é a mesma diante do carisma escolhido. Pedagogicamente é preciso começar consigo mesmo(a), cuidando do próprio processo; verificando as relações como ativamente constitutivas de personalidades, de projetos e sonhos (ou o contrário); não nos escolhemos, mas Deus fez e faz parte desta escolha, ajudando na compreensão de que a outra pessoa é um dom nesta caminhada. Devemos transmitir além das dificuldades relacionais, ajudando a entender os desafios como aprendizados; ajudar a criar relações, pois é bom conviver, é bom querer voltar para casa, mas perceber a causa maior do que os meios. Neste sentido, é importante nos perguntarmos: “O que sou na vida do outro, ajudo ou atrapalho?”.

Outro apelo remete à dimensão missionária, estar junto ao povo de Deus, “sentir o cheiro das ovelhas”, como nos alerta o Papa Francisco. Esta experiência de *estar com* desafia e pode revigorar a vocação. Esta presença deve ir além do fazer, pois nossa principal missão passa pelo testemunho da comunhão, sermos sinais da Trindade.

856

## Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Como estamos vivenciando o ano da VC? Como festividade ou, como nos alerta o Papa Francisco, nos desinstalando para sermos *uma Igreja em saída*?
2. Diante dos apelos das NG, como estamos acompanhando estes processos em nossas congregações, ordens e institutos?
3. O texto alertou sobre um apelo interno (relações fraternas) e outro externo (missão). Como estas abordagens nos interpelam?